

CADERNO ESPECIAL

UM NOVO FUTURO

O PAPEL DO JORNAL NO MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO

O GLOBO, que vive processo de transformação digital ao completar 95 anos, agora muda também junto com o mundo em razão da pandemia. Esse novo normal valoriza o jornalismo profissional, em que o leitor bem informado reforça a cidadania, o pensamento coletivo.



JOÃO ROBERTO MARINHO

O bom jornalismo trouxe O GLOBO até aqui e o levará ao futuro

MÍRIAM LEITÃO

História de enfrentamento das crises, sempre ao lado da sociedade

MARIA FERNANDA DELMAS

A Redação está à distância, mas a notícia encontra seu caminho

PEDRO DORIA

O futuro da imprensa passa pelo desafio de estar em tudo

SÓ BOAS NOTÍCIAS

A primeira página dos sonhos para a edição do centenário

Citação na página 13

Quarta-feira 29.7.2020

O GLOBO



NOVO
NORMAL
FUTURO
LEITOR
CIDADÃO
JORNAL

Desde o dia 29 de julho de 1925, quando circulou a primeira edição do GLOBO, já estava lá o que nos guia até hoje, 95 anos depois: os princípios do jornalismo profissional. Independência, isenção, coragem. Três palavras que traduzem a essência da busca pela informação verdadeira, checada e oferecida em primeira mão para o leitor. Muito tempo passou daquela quarta-feira de 1925 até esta quarta de 2020. Foram inúmeras as crises que embalarão o país e o mundo. O GLOBO as enfrentou, aprendeu com elas. Mudou, adaptou-se. Os avanços tecnológicos, que estão transformando a forma como se produzem e se consomem notícias, têm levado o jornal em mais um voo rumo à reinvenção, movido pela agilidade para lançar produtos e plataformas digitais que dialoguem com a contemporaneidade e atendam às necessidades de quem o lê. O contexto de incertezas provocado pela pandemia da Covid-19 nas mais diversas áreas (da economia à ciência, passando pela política e mudando até a forma de se relacionar com lazer) é um exemplo disso. Para se ter uma ideia, em abril, devido ao aumento de interesse em notícias sobre o novo coronavírus, tivemos 82 milhões de usuários acessando nosso site, segundo dados do Google Analytics. Os 95 anos chegam, portanto, mirando os 100, cercados por esse novo normal, de olho nesse novo futuro e pensando nesse novo leitor. Um leitor que enxerga e valoriza a importância de seu papel como cidadão. Mais do que nunca, é com ele que o jornal reafirma uma aliança movida pela confiança e pelo hábito. Não é fácil fazer aniversário neste 2020. Este caderno, porém, vem celebrar um pacto de troca e de credibilidade que foi construído passo a passo. Com artigos, reportagens, cronologias, as páginas a seguir lembram a história do GLOBO, analisam o lugar da imprensa no presente, refletem sobre como será o amanhã neste mundo cada vez mais conectado e sensível a boatos, exaltam a íntima parceria com quem nos lê e personificam o nosso time, com depoimentos de profissionais de diferentes áreas. Afinal, fazer um jornal é, acima de tudo, um trabalho de equipe, da qual o leitor faz parte.

PASSADO, PRESENTE E FUTURO / COMPROMISSO COM A ESSÊNCIA DO JORNALISMO

Das edições extras nos tempos de vespertino ao combate a boatos travestidos de notícia na Era Digital, a história do GLOBO é pautada pelo pioneirismo e pela missão de informar com independência, isenção, correção e destemor

DE ONDE PARTIMOS, PARA ONDE VAMOS

JOÃO ROBERTO MARINHO

Comecei no GLOBO como estagiário em 1973, e esse fato me faz constatar que participei ativamente da vida do jornal há 47 anos, a metade dos seus 95 anos, portanto. Fui testemunha de muitas fases por que o jornal passou nesse período. E isso me faz um otimista.

Em 1973, o jornal enfrentava havia alguns anos com sucesso a concorrência da televisão, sendo já um saudável sobrevivente do rádio. Enfrentou a radiodifusão mantendo-se fiel à missão de informar com precisão e profundidade e ter a brasilidade como um valor fundamental. Houve mudanças aos longo desses 95 anos?

Muitas. Ganhou concorrentes em outras formas de mídia, deixou de ser vespertino, deixou de ter até oito edições diárias como era co-

mum em grandes acontecimentos. E as edições “extras” foram rareando até desaparecerem completamente.

Mas, matutino, investiu cada vez mais no jornalismo profissional, o que resultou em informação de alta qualidade: reportagens aprofundadas, análises que contextualizam e investigações que levam à notícia exclusiva, o “furo” no jargão jornalístico. Furos que acabam repercutindo

fortemente nas mídias concorrentes.

Meu pai foi um realizador, e sua obra fez com que muitos o vissem no fim da vida como um empresário mais do que como um jornalista. Mas quem conhece a história do GLOBO sabe que ele não se assinava “jornalista Roberto Marinho” à toa. Durante décadas, sua mesa era na Redação, onde coordenava coberturas, lia textos, editava o jornal. Tinha prazer na atividade, tinha vocação. Não deixou de ter nunca. E por isso cercou-se sempre dos melhores talentos, equipes que deram a alma pelo jornal e pelo jornalismo e ajudaram a construir o nome e a reputação do jornal. Sem essas equipes, não haveria O GLOBO que temos hoje e o que teremos no futuro.

Roberto Marinho percebeu, cedo também, a importância da tecnologia para o jornalismo. O GLO-

BO foi sempre um pioneiro: o primeiro jornal brasileiro a ter radiofoto, a ter telefoto, a ter telefoto colorida. Um dos primeiros, entre os grandes, a

informatizar a Redação e o processo de editoração. E a trazer cores para todas as suas páginas.

Participei ao lado dele de algumas dessas transformações e liderei outras tantas, sempre com o espírito que aprendi com ele: acolher o futuro com a confiança de quem soube superar os desafios do passado.

Foi assim na chegada da internet comercial ao Brasil em 1995. Já no ano seguinte, O GLOBO lançava sua versão on-line, moderna, ágil, completa, contemporânea do seu tempo.

O GLOBO entendeu, desde o início, que a versão digital não era um complemento estático, mas a versão viva do jornal impresso. A ideia, nós dizíamos então, era que o on-line nascesse do impresso e fosse sofrendo modificações, acréscimos, incorporando os novos fatos até que se transformasse no que o impresso seria no dia seguinte. Um círculo contínuo, perfeito. Com a evolução natural do novo meio, o on-line ganhou funcionalidades, uniu som, imagem e texto a serviço do jornalismo, com interação instantânea com o público e uma capacidade infinita de abrigar conteúdos.

Esse movimento tem já um quarto de século, já é História.

Não cabe mais, portanto, contrapor a versão impressa à versão on-line como se fossem duas realidades distin-

tas. Não são. Nunca foram. As experiências de consumo de uma e outra são diferentes, mas, hoje mais do que nunca, a essência de uma está na outra, e essa essência é a missão do jornalismo profissional: informar com absoluta independência, isenção, correção e destemor. Essa essência é peregrina, não importa o meio.

O digital é a versão viva do jornal impresso. Um círculo contínuo e perfeito

E, no mundo de hoje, necessária.

A Era Digital permite maravilhas, as redes sociais tornam possível que pessoas do mundo inteiro se conectem, e isso é fascinante. Mas há um lado sombrio: torna também possível que boatos sejam travestidos de notícias, narrativas ficcionais sejam vendidas como realidade, inverdades passem por fatos. Tudo isso com os objetivos mais deploráveis e com um efeito maléfico sobre as democracias. Não há melhor remédio para isso do que o jornalismo profissional, agindo de tal forma que leve o público a poder diferenciar o que é ficção e o que é realidade.

A Era Digital não enfraquece o jornalismo, mas o fortalece, portanto. Desde

que a atividade seja fiel aos seus princípios, que vale a pena repetir: buscar a verdade com independência, isenção, correção e destemor. Por que destemor? Porque é preciso dizer a verdade sem medo.

Sem medo dos poderosos, sem medo de grupos de pressão, sem medo de contrariar a moda da vez. Sem medo de desagradar inclusive ao seu público, que cresceu de forma exponencial com a internet. Nesse mundo de pessoas conectadas, em que a tendência é permanecer em bolhas de amigos, de semelhantes, de pessoas que pensam igual, o jornalismo tem o dever de buscar a verdade, mesmo à custa de irritar parte de seu público num ou noutro momento. Porque a irritação é passageira. Desaparece quando o público percebe e entende que a intenção é apenas informar. E que a verdade se impõe.

O GLOBO foi a casa em que meus irmãos, Roberto Irineu e José Roberto, e eu nos formamos — embora eu tenha permanecido mais tempo, nós três iniciamos nossa trajetória profissional na sua Redação. Vêm dessa experiência o nosso compromisso com o jornalismo, o nosso entusiasmo por essa atividade e a nossa crença de que ela é fundamental para as democracias.

Acreditamos que foi o bom jornalismo o que trouxe O GLOBO aos dias de hoje.

E que é o que o levará ao futuro pelos anos que virão.

*João Roberto Marinho
é presidente do Conselho
Editorial do Grupo Globo*



O COMEÇO DE TUDO / QUASE UM SÉCULO DEPOIS...

Desde o primeiro número, lá em 29 de julho de 1925, uma trajetória que é marcada pela capacidade de se reinventar diante de desafios, de manter uma estreita aliança com o leitor em seu papel de cidadão e de estar sempre ao lado da sociedade

UM JORNAL QUE APRENDEU A NÃO TER MEDO DE CRISE

MÍRIAM LEITÃO miriamleitao@oglobo.com.br

A economia não cresceu em 1925. Na série estatística, o número que aparece da variação do PIB é 0,0%. O país estava em crise econômica e política. Era o começo do fim de uma era, aqui e no mundo. Tempos de transição são inquietantes. Melhor não investir em hora tão imprevisível. A manchete da primeira edição do jornal que nasceu no dia 29 de julho de 1925 era econômica. “Voltam-se as vistas para a nossa borraça”. E de quem eram esses olhos sobre nós? De ninguém menos que Henry Ford, “o mais conhecido e mais opulento capitalista do mundo”. Ele queria instalar uma fábrica no Pará. O tem-

po nos permite contar que ele teve uma ideia grandiosa. E inexequível. A de fazer uma cidade no meio da floresta, ruas pavimentadas, iluminadas, hidrantes vermelhos, casas de madeira. As ruínas da Fordlândia ainda estão no meio da selva. Hoje, 95 anos depois, a Amazônia está de novo nas manchetes. Mas me adianto no tempo sem ter ainda explicado o meu ponto.

Um jornal que nasce entre crises, que enfrenta um golpe emocional antes de terminar seu primeiro mês, com a morte do fundador e que, aos 4 anos, passa por um colapso econômico global aprende algo. A não ter medo de crise. Os seus 95 anos se cumprem no meio de uma pandemia global, que jogou a economia na maior queda da sua história. No Brasil, ainda é pior. Aqui vivemos a estranha ausência da liderança fede-

ral. Entre um ponto e outro desse quase um século, o que se vê é a capacidade de sobreviver às crises. Mas o que foi aquele começo?

—O presidente era Arthur Bernardes, também conhecido como “o calamitoso”. Ele decreta o estado de sítio em 1924 nas revoltas tenentistas e vai prorrogando até 1926. Em 1925, acontece a Coluna Prestes/Miguel Costa — conta a historiadora Heloisa Starling, da UFMG.

Era o tempo de um presidente calamitoso, de crise política e econômica, quando Irineu Marinho decidiu iniciar uma nova empresa. Um jornal sobrevive quando atrai o leitor. Difícil não se sentir seduzido por uma matéria em grande destaque logo abaixo da manchete. “Desvendam-se os mistérios de um arquivo secreto.” Nas primeiras linhas da reportagem, diretamente de Viena, o texto aprisiona quem o lê: “Os arquivos secretos da dinastia Habsburgo foram afinal abertos à curiosidade pública. É a revelação de séculos de intriga diplomática”. Ainda na primeira página, o jornal noticiava que decidira ele mesmo tampar um buraco na rua. Não um qualquer, “o rei dos buracos”. “Um pequeno serviço prestado ao público.”

Pode parecer detalhe, um buraco apenas. Mas era o início da vocação de estar sempre ao lado da comunidade. Do Rio e do Brasil. Vocação que o jornal exibiria de várias formas. Com grandes concertos de música clássica nas ruas, com projetos de educação ou com o noticiário sempre atento aos reveses e às grandes esperanças nos planos econômicos. De novo, adianto-me no tempo sem explicar o contexto.

O Rio era uma cidade grande, a metrópole à beira-mar descrita por Ruy Castro. A maior cidade do país, centro comercial, capital política e mesmo assim não era no Rio, o berço do jornal, que estava o poder daquela Primeira República.

O “pacto oligárquico” sobrevoava o Rio e contrapunha dois polos: Minas e São Paulo. O economista Winston Fritsch, no capítulo “Apogeu e crise na Primeira República” do livro “A ordem do progresso”, organizado por Marcelo de Paiva Abreu, conta que havia vários focos de instabilidade nas décadas iniciais do século. O primeiro nascia das divergências entre São Paulo e Minas, mais frequentes nos anos 1920. O segundo era que os “estados intermediários” — Rio, Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco — queriam mais poder. O terceiro foco era o descontentamento dos “políticos dissidentes, intelectuais e se-

tores da imprensa com a natureza antidemocrática e centralizadora do regime”.

Este jornal nasceu em um tempo de dúvida e chega aos 95, de novo, em meio a incerteza. Fazer o quê? Navegar nas ondas de mudança, ser capaz de se reinventar, de mudar de ideia, de ver o leitor não como o cliente, mas aquele com o qual foi feita uma aliança. Essa tem sido a história.

“Esse é um dos poucos períodos da História republicana em que a sucessão de crises econômicas esgarça o tecido político além da sua possibilidade de resistência, ensejando não só um profundo redesenho das políticas econômicas, como das formas de organização do Estado.”

O parágrafo acima, escrito por Fritsch para descrever as primeiras décadas do século passado, soa perfeito para o atual momento. Aqui chegamos, com uma sucessão impressionante de crises que esgarçam nosso tecido político, social.

Contava este jornal 4 anos e alguns meses de vida quando se abateu sobre o mundo, e o país, a Crise de 1929. No dia 24 de outubro, a Bolsa de Nova York despencou. Aqui, afetou os cafeicultores. “Os fazendeiros paulistas foram muito imprevidentes gastando todos os seus lucros...”, alertava o jornal na primeira página. “Por intermédio do Banco do Brasil o governo concederá descontos directos aos produtores.” A recessão se estendeu por dois anos. O PIB fechou em -2,1%, em 1930, e -3,3%, em 1931. No primeiro ano daquela crise, o produto industrial caiu

6,7%, e o setor de serviços, 8,7%.

Foram turbulências inaugurais deste jornal. Ele as reportou como noticioso que é, e as superou como empresa. Nas décadas seguintes, cobriria fases de forte crescimento, duas ditaduras, dois calotes externos, superinflação, hiperinflação, sucessivos planos econômicos, um confisco dos ativos financeiros. Há 26 anos, apostou no Plano Real. Eu vi de dentro da Redação.

Cheguei ao jornal em 1991. O país vivia um intervalo entre muitos planos fracassados.

Ninguém queria um novo experimento. E assim, céticos, desembarcamos em 1994. A manchete de quase todos os dias era econômica. Era a emergência nacional.

Quem abrisse o jornal no dia 15 de junho de 1994 encontraria uma palavra acima da manchete da economia. “Real.” E, do lado, um calendário. “Faltam 16 dias.” Dia após dia, houve uma conta-

gem regressiva da nova moeda. Não era trivial. Se o país entendesse, haveria chance. “Real, faltam 5 dias”, dizia no dia 26. Era a aliança com a comunidade que O GLOBO fazia na economia para vencer a hiperinflação. Ouviu as donas de casa, verificou preços, falou com especialistas, mostrou os riscos, explicou, noticiou.

Os arquivos fotográficos do jornal registram. Tanques na porta do Banco Central, carretas blindadas com o novo dinheiro atravessando o Rio, pacotes de notas embarcados em aviões. Foi a maior operação logística de distribuição de dinheiro. As notas de real foram entregues em cada canto do Brasil, para marcar uma nova era monetária, a da inflação de um dígito, realidade que o país não vira por cinco décadas. No dia 1º de julho de 1994, a manchete foi “Começa a guerra real x inflação”. E um encarte: “Guia do

Real.”

Entender aquele plano era meio caminho andado. Quando o jornal trocava em miúdos, era de novo “um serviço ao público”, a aliança que fizera com o leitor no primeiro número ao cobrir o buraco na rua.

O jornal está perto de completar um século. Com que fórmula ele chegará ao futuro? Com a mesma que o trouxe até aqui. Sem medo de crises, atento às notícias e atraindo o leitor. Como no número um. Vamos desvendar mistérios e ir atrás de arquivos secretos. Vamos seguir os olhos do investidor. Eles de novo miram a Amazônia. Vamos olhar as aflições das cidades. Vamos estar ao lado de quem nos lê. A tecnologia continuará mudando, mas o jornalismo sempre será a arte de informar, de contar uma boa história.



Aos 95 anos,
com que fórmula
chegaremos ao
futuro?
Caminhando junto
com quem nos lê,
navegando nas
ondas de
mudanças e
sempre em busca
de uma boa
história

MUNDO CONECTADO / TECNOLOGIA A FAVOR

Sonar, Analítico, Ao Ponto: produtos e plataformas ampliam atuação digital e fornecem conteúdos e análises a todo momento e em qualquer lugar



Do que se faz um grande jornal? Histórias bem contadas, furos de reportagem, serviços prestados ao leitor, análises sobre os rumos políticos e econômicos... O GLOBO chega aos 95 anos com um produto impresso consolidado e em pleno voo de uma grande transformação digital. O momento não poderia ser mais urgente. Em meio a uma pandemia que mergulha o mundo em tantas incertezas, o jornalismo profissional, que preza a informação verdadeira, desponta como um farol.

Mas não só. Num mundo cada vez mais conectado, que abre caminhos à notícia e impõe dificuldades na mesma proporção, a agilidade para apresentar novos produtos e projetos passou a ser prioridade na estratégia do GLOBO, sempre em sintonia tanto com as necessidades de leitores mais experientes quanto com as exigências das novas gerações.

— A um grande jornal, já não basta mais se transformar. Ele precisa viver em constante transformação. É assim o mundo atual — diz o diretor de Redação do GLOBO, Alan Gripp.

Napandemia, por exemplo,

NOVOS MEIOS DE INFORMAR E CONSUMIR NOTÍCIA

quando preparava novos produtos e a cobertura das eleições, o jornal se viu obrigado a virar de cabeça para baixo. Tendo pela frente as mesmas limitações impostas a todas as empresas, O GLOBO pisou no acelerador: lançou cartilhas gratuitas, novas colunas, newsletters especiais e até um festival de música online (o #tamojunto, antes da febre das lives) para ajudar os leitores a atravessar a solidão do isolamento.

A Covid-19 transformou definitivamente o mundo. E, por tabela, as apostas do jornal para 2020, que começam a sair do forno. Nasceram as colunas Capital e Pense Grande, que trazem olhares mais

atentos e aprofundados sobre os desafios para os negócios. Na mesma seara, O GLOBO lançou em março a campanha Apoie o Negócio Local, para ajudar empreendedores locais a sobreviverem.

Pouco antes, tinha sido a vez da plataforma Analítico, que busca explicar as principais notícias do dia em tempo real. No mundo de hoje, não basta saber, é preciso entender. E rápido. O resultado é que o espaço rapidamente conquistou os assinantes do jornal, apresentando altos índices de engajamento.

— No Analítico, não publicamos opinião, mas explicações sobre o que está por trás de cada fato, o contexto em



que ele acontece — explica André Miranda, editor executivo de Especiais da Redação Integrada, que inclui O GLOBO, Extra e Época.

Outro espaço que conjuga as necessidades dos tempos atuais com o rigor da apuração é o Sonar, uma espécie de “escuta” do que é dito, comentado e decidido nas redes sociais. Além, é claro, de inspecionar as engrenagens das fake news.

— O Sonar nasceu da parceria com as mais relevantes empresas de monitoramento de redes e da fome do nosso time por reportagens investigativas que desnudem a política no ambiente digital — diz Thiago Prado, editor de País.

As iniciativas deste ano se juntaram a produtos que estrearam em 2019. É o caso da plataforma Celina, dedicada a debater questões de gênero e diversidade. Os podcasts são outro capítulo da história. Criado há exatamente um ano, o Ao Ponto, com análises sobre os principais assuntos diários, já teve cerca de 6 milhões de execuções.

Lauro e Gabeira, com comentários e debates semanais entre os colunistas Lauro Jardim e Fernando Gabeira, vêm mantendo seus ouvintes a par dos principais acontecimentos e visões sobre política, economia e sociedade brasileira em tempos de coronavírus.

IMPRESSO E DIGITAL / CREDIBILIDADE ACIMA DE TUDO

Para leitores, o exercício da cidadania estimulado durante a pandemia também passa pela busca de informação relevante e checada por profissionais

ELES PREFEREM IR DIRETO À FONTE

Papel, site, aplicativo, vídeo e podcast. O GLOBO vem se reinventando para ajudar seus leitores a consumirem notícia com credibilidade em todas as plataformas. A pandemia do coronavírus reforçou ainda mais a busca pela informação verdadeira e checada por profissionais em meio ao aumento das fake news. Esse movimento veio acompanhado de uma maior preocupação com o próximo, por meio de diversas iniciativas de estímulo à cidadania criadas pelo GLOBO nos últimos meses.

O advogado Paulo Parente, de 57 anos, é assinante do

GLOBO há décadas. Ele lembra que, desde que começou a pandemia do novo coronavírus, checar alguma notícia nas páginas do GLOBO passou a ser mais do que um hábito diário de estar bem informado. Virou parte de seu trabalho. Especializado em propriedade intelectual, ele diz que é importante buscar informação onde há credibilidade e repassar aos seus clientes, de diversas áreas.

— O importante é saber a fonte da informação. Eu só leio notícias em lugares em que confio — conta ele. — E sei que grandes veículos como O GLOBO fazem essa checagem. Como advogado, isso é importante para mim, pois privacidade e fake news fazem parte de questões com que preciso li-



Confiança.
Paulo Parente
(ao lado),
Brenno
Carnevale
(abaixo) e
Ana Roxo:
olhos e ouvidos
atentos

dar no dia a dia atualmente.

Parente diz ainda que reportagens sobre solidariedade ajudam a despertar o espírito de cidadania das pessoas.

Hoje com 30 anos, Brenno Carnevale cresceu lendo O GLOBO com seus pais. Uma de suas principais recordações remete ao ano de 2007, quando o jornal publicava o Megazine, voltado para estudantes que estavam se preparando para o vestibular. Ele venceu um concurso de redação e passou a escrever como era o seu dia a dia de vestibulando no site do GLOBO.

— Foi uma experiência bacana. As pessoas comentavam que passavam pela mesma situação que eu na época. Sempre vi o jornal como uma forma de alertar para os



problemas da cidade. Alguns dos meus questionamentos chegaram a ser publicados no espaço dedicado aos leitores. Reclamei sobre iluminação pública e até de moto que andava pela calçada — recorda-se ele, formado em Direito pela PUC-Rio e pós-graduado em Pedagogia.

Com a pandemia, Carne-

vale, que é delegado de polícia, voltou a assinar o jornal e receber a versão em papel em sua casa. Ficou com medo de não achar nas bancas com o fechamento parcial do comércio. Diz que sentia falta de ler reportagens com profundidade e informações técnicas:

— Começaram a surgir muitas notícias falsas. Por isso, optei por buscar informações mais técnicas. Hoje, você vê muita coisa no Facebook e no WhatsApp e não sabe se é real. Sei que uma informação no GLOBO foi checada antes.

A médica Ana Roxo também passou a buscar fontes confiáveis para se informar. Entre as versões no aplicativo e no papel, a cirurgia plástica não esconde a paixão pelo podcast do GLOBO.

— Ouvir notícia é algo prático, pois você consegue fazer em qualquer lugar. Seja no carro, seja em casa. Eu ouço muito. Gosto de ouvir também sobre os bastidores. Outro dia ouvi como o repórter entrevistou alguém. Acho isso fascinante. É muito curioso — diz.

Além do podcast, ela gosta de ler as reportagens no site e no papel. Aos domingos, opta por assuntos mais leves como forma de entretenimento.

— Desde que começou a pandemia, os grupos de WhatsApp de que participo, a maioria formada por médicos, têm muita troca de notícia. Mas, infelizmente, muita coisa é falsa — afirma. — Você não sabe a origem de nada. Por isso, acho que a grande imprensa ganha relevância.



O QUE NOS UNE / AÇÕES EM PROL DO COLETIVO

Diante da pandemia que evidencia tantas desigualdades, especialistas apontam quatro desafios dos próximos anos para facilitar a inclusão e construir uma sociedade completa

REFLEXÕES SOBRE CIDADANIA

O smartphone é cada vez mais onipresente. Foi a câmera de um que captou, no início do mês, a reação de um

casal a um fiscal que tentava demover cidadãos de se aglomerarem num bar do Rio em plena pandemia: "Cidadão, não. Engenheiro civil formado. Melhor que você."

Dias depois, outro celular registrou um desembargador abordado por um guar-

da numa praia de Santos recusar-se a usar a máscara obrigatória para todos cidadãos ali e protagonizar a clássica cena do "Sabe com quem está falando?"

O flagrante de um policial de São Paulo com a bota no pescoço de uma cidadã ne-

gra contra o asfalto choca ainda mais por remeter a outro crime recente documentado por lentes portáteis de vários megapixels: o assassinato do cidadão negro George Floyd por um policial nos EUA. Mas o registro paulista é só mais um

1

Retomar o crescimento econômico com redução de desigualdades

Em abril, quando a Caixa abriu inscrições para o auxílio emergencial de R\$ 600 para trabalhadores informais sem renda por causa da pandemia, o governo admitiu ter descoberto milhares de "invisíveis" sem rede de proteção social.

Nas planilhas do economista **Marcelo Neri**, diretor da FGV Social, os brasileiros mais vulneráveis são cada vez mais visíveis desde 2014, início da crise econômica que ainda não havia sido superada quando o vírus chegou.

Neri calcula que, entre 2014 e 2019, a extrema pobreza subiu 67% no Brasil, depois de ter caído

71% entre 2001 e 2014. Ainda que nem todos os avanços do período anterior tenham sido perdidos, para muita gente que hoje compõe essa estatística a vida piorou depois de ter melhorado.

— É muito difícil a perda para quem já teve alguma coisa. Vivemos a maior recessão da História e o maior período consecutivo de aumento da pobreza — diz o pesquisador, para quem o país precisa definir nos próximos anos uma estratégia econômica que reduza desigualdades. — Estamos numa situação fiscal delicada, necessitamos de uma estratégia responsável, mas que não deixe ninguém para trás.

Para o historiador **Átila Roque**, diretor da Fundação Ford no Brasil, falar em desenvolvimento só como crescimento econômico é aprofundar injustiças sociais históricas. Ele aponta uma reforma tributária progressiva como a política pública mais importante para o país nos próximos anos, para drenar recursos dos mais ricos para o financiamento de serviços públicos inclusivos, como saúde e educação:

— Precisamos de mecanismos redistributivos com foco nas populações negras e indígenas, em especial jovens e mulheres. Ninguém será cidadão enquanto muitos não o forem em igualdade de condições.

de abordagens policiais em periferias brasileiras, onde a violência gratuita não permite a nenhum cidadão ali retrucar, como chegou a fazer em francês aquele mesmo desembargador em outro desencontro com a lei registrado por um celular.

O smartphone ajuda a denunciar de injustiças pela imprensa, mas o uso de tão sofisticada tecnologia no registro de cenas tão anacrônicas simboliza as contradições de nossa realidade imperfeita. Avanços extraordinários convivem

com o atraso histórico e perigosos retrocessos. As páginas do GLOBO não se limitam a retratá-los diariamente. Também abrem espaço para o debate em busca de soluções para a evolução da sociedade. A crise sanitária que sublinhou

tantas desigualdades reforçou ainda a necessidade de dar novo significado à palavra “cidadão”. Por isso buscamos diferentes reflexões sobre quatro desafios a serem enfrentados nos próximos anos, para alcançarmos isso.



Recuperar a capacidade de diálogo na política e na sociedade

O mundo vive um incômodo com divisões crescentes alimentadas pelas redes sociais. Nascidas como promessas de democratização, elas são vistas hoje como instrumentos de ódio, desinformação e discórdia, que interferem na política e interditam o diálogo.

O cientista político **Jairo Nicolau** lembra que a polarização não é novidade na política, mas encontra hoje nas redes sociais um novo contorno, com grande reverberação. Para o pesquisador do CPDOC FGV, o avanço de regulações e ações corretivas das próprias empresas de tecnologia chamadas à responsabilidade por seus algoritmos podem suavizar o cenário

nos próximos anos. Mas, no caso do Brasil, aponta como principal desafio superar a paralisia:

— É preciso encontrar territórios em que as pessoas possam dialogar sobre o que realmente importa, como no Congresso, na imprensa, na universidade, resguardando o respeito ao outro no debate. Não acredito em uma sociedade complexa, sem conflitos. Mas, para as questões centrais, temos que ter o diálogo — diz o professor, para quem dados, estatísticas e outras evidências podem ser a base de decisões em políticas públicas.

A filósofa e psicanalista **Viviane Mosé** observa que a sociedade

está em mutação porque também passou a se organizar em redes, mas os líderes da velha hierarquia não desapareceram. Aderiram à guerra narrativa. Para ela, o antídoto é justamente o princípio da colaboração, intrínseco às redes.

— Isso é o futuro. A colaboração nas redes salvou vidas na pandemia. Nas mesmas que espalham fake news. A gente tem que inverter o uso da rede, mas isso envolve desenvolvimento intelectual. Nos próximos anos temos de investir numa educação da responsabilidade. É preciso ser ativo nas redes e na sociedade, e não passivo, levado por ondas de cancelamento ou de exaltação a alguém.



3

Resgatar o papel estratégico da ciência e da educação

Professor do Departamento de Sociologia da USP, **Glauco Arbix** nunca pensou ver a ciência tão questionada e tão necessária. O populismo relativiza o discurso da ciência, mas é dela que o mundo espera uma solução para a crise global do coronavírus: uma vacina.

Ex-presidente da Finep e do Ipea, Arbix admite que certa acomodação das universidades em relação a problemas brasileiros contribuiu para o afastamento da sociedade, mas vê na reação da comunidade acadêmica à pandemia o caminho para a reconexão. Destaca a intensa cooperação internacional e a formação de redes de pesquisadores voluntários, como a de 60 especialistas de várias áreas que integra na USP. Eles ouvem demandas de diferentes setores e apontam caminhos em boletins semanais.

— Essa mobilização pode trazer uma mudança nos próximos anos.

A pandemia rompeu o isolamento. Hoje há um trânsito livre de diálogo com empresas, instituições, ONGs como não tínhamos há muito tempo — diz Arbix. — É impensável para um país que aspira ser civilizado desacreditar sistematicamente a ciência.

Diretora do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais da FGV, **Claudia Costin** avalia que, nos próximos anos, o país precisará de inovações e tecnologia para acelerar a superação do atraso agravado pela pandemia na educação básica. E também de envolvimento dos cidadãos com a escola pública, independentemente das falhas do governo:

— Temos que conhecer, ajudar as escolas. É impressionante como, neste momento difícil, a comunidade está ajudando. Tenho recebido relatos de secretários de várias cidades sobre gente levando materiais para crianças que estão em casa, oferecendo internet para quem não tem acesso às aulas on-line. Há muita coisa acontecendo nesse sentido.

Claudia recusa a tese de que o brasileiro não valoriza a educação e lembra da conversa com uma mãe da Rocinha, quando foi secretária de Educação do Rio. A mulher insistiu em matricular o filho em uma escola distante porque soube que o ensino lá era melhor:

— Há um grande preconceito social nessa visão. Os pais querem o melhor para seus filhos e sabem que a única forma de eles construírem suas vidas é pela educação.



O QUE NOS UNE/ AÇÕES EM PROL DO COLETIVO



Proteger o meio ambiente com uso racional da natureza

O mundo está de olho no Brasil por abrigarmos aqui a maior parte da Amazônia, maior floresta tropical do mundo, e demonstrarmos atualmente ter problemas para preservá-la. Para além das marcas definitivas no coração da floresta e na vida de suas comunidades, o avanço do desmatamento já produz um dano de imagem para empresas brasileiras que atuam no exterior.

A selva amazônica é depositária de uma rica biodiversidade, cujo potencial econômico precisa ser mais estudado. Mas, para a ambientalista **Adriana Ramos**, integrante do Instituto Socioambiental (ISA), a exploração racional de recursos naturais no Brasil envolve fomentar cadeias produtivas e serviços locais que não impliquem perdas de vegetação, bem como apoiar a pesquisa científica de biomas e incentivar o turismo não predatório.

— Para isso é fundamental a presença do Estado para fazer cumprir a lei, proteger o patrimônio público, os direitos dos mais vulneráveis — diz Adriana.

Para a ambientalista, os principais desafios dessa área nos próximos cinco anos serão deter a agenda de desregulamentação ambiental do atual governo — que o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, definiu como “passar a boiada” — e proteger as populações indígenas sob a ameaça de garimpos e fazendas.

— O país precisa de regulações alinhadas a parâmetros de sustentabilidade já existentes e

compatíveis com os direitos das populações tradicionais que vivem e mantêm as florestas em pé.

Vice-diretora da Coppe/UFRJ e uma das cientistas que integraram o grupo do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) em 2007 agraciado com o Nobel da Paz, **Suzana Khan** diz que o Brasil é o país no mundo que mais tem a ganhar com a transição global para uma economia sustentável, um movimento que não tem mais volta, mas precisa se organizar para se beneficiar disso:

— Nossa enorme biodiversidade é matéria-prima para a bioeconomia, a insolação que o país recebe nos fornece um potencial imenso de energia solar, o mapa eólico do Brasil aponta inúmeras áreas para grandes fazendas eólicas. Ou seja, o país pode ser o que tem maior capacidade de geração de energia elétrica sem emissão de carbono e, consequentemente, tudo que for produzido aqui terá uma menor “pegada” de carbono e maior valor no comércio internacional.

Ela continua:

— Nossa costa e o oceano indicam uma possibilidade ainda inexplorada para o uso sustentável de suas riquezas. No entanto, este nosso capital natural só se tornará um benefício real e competitivo se houver planejamento e investimento em ciência, tecnologia e inovação, além de capacitação de nossos recursos humanos.

Suzana também ressalta que o avanço da fronteira agrícola sobre áreas ambientais desconsiderava que o uso da terra para plantações corre o risco de esgotar a fertilidade do solo.

— No entanto, as novas gerações já se dão conta de que o desenvolvimento do agronegócio só é possível com sustentabilidade. A tecnologia é de grande ajuda para promover um aumento de produtividade sem que isso cause impacto adicional ao ambiente. Tanto é assim que é um setor que tende a se sofisticar cada vez mais, com enorme potencial de ganhos e inovação tecnológica.

Para **Marina Grossi**, presidente do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável, as empresas também precisam renovar seus paradigmas em relação ao meio ambiente. No mês passado, grupos empresariais enviaram uma carta ao vice-presidente Hamilton Mourão, que lidera o Conselho da Amazônia, pedindo mudanças na política ambiental para não causar danos aos negócios de empresas brasileiras que atuam no exterior ou exportam para mercados sensíveis à questão, como a Europa.

— É possível dar escala às boas práticas a partir de políticas consistentes de fomento à agenda ambiental, social e de governança — diz Marina.

Para a executiva, existe um enorme potencial econômico a

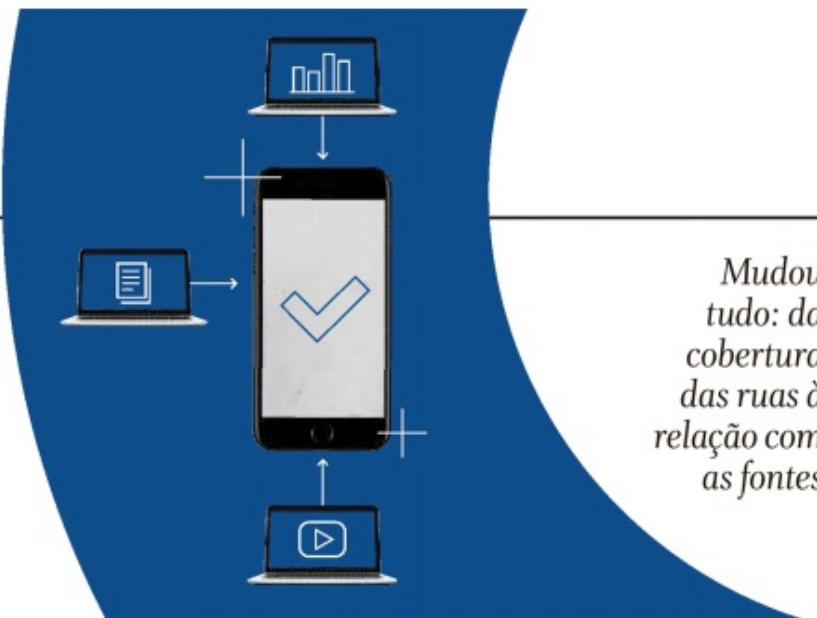
ser explorado:

— Há um elevado potencial econômico já dimensionado da floresta em pé. Para os negócios, a biodiversidade é considerada hoje um ativo extremamente estratégico, inclusive do ponto de vista financeiro. Ou seja, não se trata apenas da importância da preservação, mitigação e compensação ambientais para a conter as mudanças climáticas. Se considerarmos que o Brasil detém 20% da biodiversidade global, a maior do planeta, nosso país tem uma vantagem competitiva enorme. O desafio é aliar esse enorme ativo com a tecnologia, agregando valor à economia. Isso pode colocar o Brasil numa posição de destaque numa nova economia, com destaque para o agronegócio nacional.

UM NOVO JORNALISMO / APARTADOS, MAS UNIDOS

A história de como uma Redação que fervilhava descobriu o modo de cobrir uma pandemia e se manter vibrante à distância

QUANDO O INIMAGINÁVEL CHEGOU AO NOSSO OFÍCIO



MARIA FERNANDA DELMAS fernanda.delmas@oglobo.com.br

Inimaginável, diríamos até pouco tempo atrás, se perguntados como um jornal poderia funcionar longe do burburinho da redação. Mas esta é uma história sobre como voluntárias solitudes viraram compulsória solidão e, rapidamente, reinvenção.

Jornalistas são moldados no calor humano. Alimentam-se da observação das ruas e da efervescência das redações. Só se recolhem em sua solidão para escrever ou ler mais concentradamente. E, então, veio o isolamento — a solidão.

Não foi assim de repente. Levamos algumas poucas semanas até chegar aqui. De pronto, foi para casa quem era parte de grupo de risco. Muitos outros ainda viveram a fase da obsessão com o álcool gel e o cumprimento de cotovelos. E, depois, onda a onda, testando gradualmente os sistemas de tecnologia e as rotinas de produção, fomos saindo da Redação física. As reuniões iam se esvaziando, os cafés perderam seu sentido, a cada dia mais carinhas sumiam da vista, até que a Redação virasse um espantoso cená-

rio de filme distópico. Na penumbra e vazia.

Enquanto cobríamos freneticamente uma doença desconhecida, e que também nos pegou, criávamos um sistema que nos mantivesse como um centro nervoso. Precisávamos continuar vibrantes.

Uma das lições mais simples e transformadoras dos manuais de inovação é esta: para resolver um problema, é preciso partir da pergunta certa. E a pergunta nunca foi como transportar as conhecidas rotinas da Redação para a casa de centenas de profissionais. A pergunta era como garantir que cumpriríamos o papel inegociável de informar o leitor com rapidez, precisão e contexto, em um momento em que o jornalismo profissional tem mais importância do que nunca, diante de uma doença tão terrível.

Um *breaking news*, aquela notícia que soa o alarme numa Redação, percorre um sistema ágil e algo parecido com uma jogada de futebol. Repórter descobre a informação, toca para editor, que troca ideia com colega a seu lado, que aciona quem vai dar

destaque no site ou no jornal impresso — e esse fluxo vai contagiando quem está ao redor. Hoje, não raro sentimos um estranho silêncio em casa, imaginando em que ponto do seu rumo está a próxima grande notícia: se no momento de ser apurada, fotografada, debatida, escrita, editada, publicada, contextualizada ou atualizada.

Mas o bom é que a notícia sempre acha seu caminho.

O jornalismo precisa do filtro do outro. Não, nessa profissão ninguém pode ficar sozinho com seu próprio julgamento. Também fomos treinados a fugir daquilo que o ser humano teimosamente insiste em fazer: tomar a experiência individual como o todo. Por tudo isso, era essencial manter os filtros. Revimos horários de

conversas e debates, criamos grupos de mensagens, adotamos as reuniões por vídeo e mudamos nossa forma de coletar notícias. Não foi fácil, mas ninguém desistiu.

Se para os meios digitais apertamos os botões remotamente, no Parque Gráfico, o trabalho presencial tinha de continuar. A higienização foi reforçada, e começou um rodízio de equipes — e de caronas solidárias.

A quarentena trouxe um efeito colateral curioso na relação com as fontes: derreteu a solenidade e a cerimônia. Não se começa uma mensagem ou



Parque Gráfico. Cuidados redobrados para imprimir páginas como a capa histórica dos 10 mil mortos na pandemia, em maio; hoje, estamos perto de 90 mil

telefonema sem a introdução “Espero que estejam todos bem por aí”. Nas entrevistas por vídeo, quem nunca espiou a biblioteca, o quadro ou a mobília do seu interlocutor? A fonte até se sente à vontade para contar que aprendeu a fazer feijão. As perguntas e respostas podem ser interrompidas por um latido ou pelo barulho de lavar louça, quando não por uma voz infantil dizendo “Tô com fome”. A hora em que chegam as compras do mercado é um evento à parte.

Às ruas —quando é preciso estar lá, estamos— só se vai com segurança multiplicada. Distanciamento, proteção e bom senso. A pandemia subverteu nossa lógica. Num momento histórico, normalmente jornalistas vão a cam-

po gastar sola de sapato e voltam a uma Redação ávida por colher as impressões e novidades. Sentimos falta das ruas. Mas não apenas delas.

Como se cobre a História enquanto ela está acontecendo? Além da rua, com repertório. As experiências de eventos passados contam, é onde buscamos erros e acertos, contextos e testemunhas. Desta vez, começamos no escuro. No início, era uma avalanche de dados sobre algo grave e desconhecido até para a ciência. Vemos as dúvidas e certezas mudarem em tempo real. O desafio não é publicar um mar de informações. É buscar no palheiro o que realmente importa e traduzir, destripar.

Toda pauta passou a ter relação com a pandemia, e deverá

ser assim por muito tempo. Primeiro, todo mundo queria saber o que era o vírus, como combatê-lo, o que a ciência já sabia. As demandas da audiência foram se sofisticando: o baque na economia, o abre e fecha nas cidades, o estágio da doença nos outros países, o que dizia ou não o governo, a saúde mental no isolamento, a volta ou não da escola presencial, a vida que segue. E as notícias que dessem um pouco de leveza à rotina.

Unimos seções do jornal, adaptamos outras, viramos força-tarefa, criamos colunas de ciência, política e economia, lançamos newsletters, fizemos páginas históricas.

O futuro, ninguém arrisca. Mas sempre tentaremos partir das perguntas certas. Afinal, perguntar é o nosso ofício.



Efeito da pandemia. No fim de março, já era possível ver a Redação vazia em horário em que normalmente pulsava: profissionais foram para o trabalho remoto pouco a pouco, enquanto as rotinas eram adaptadas, e as ferramentas, testadas

NOVAS TECNOLOGIAS / O GRANDE PODER TRANSFORMADOR

Desafio dos jornais nos próximos anos é se tornarem nativos digitais e recolocarem a importância da informação no centro do debate público e na consolidação de comunidades baseadas num espírito de cidadania

O FUTURO DA IMPRENSA É ESTAR EM TUDO

PEDRO DORIA pedro.doria@oglobo.com.br

Se estes últimos seis meses deixaram algo claro, é que sociedades livres não vivem sem jornalismo profissional. Sempre foi assim. A democracia moderna e a imprensa nasceram juntas. A ideia de que uma sociedade, coletivamente, pode decidir quem a comanda acompanha a necessidade de uma estrutura que a informe. Uma estrutura que não faça parte do governo, que seja independente. Em uma entrevista, certa vez, a filósofa Hannah Arendt foi mais direta. “O que permite a um totalitário governar é a garantia de que o povo não será informado.” Essa é a história que o primeiro semestre de 2020 conta. Dois séculos e meio depois, as razões que nos levaram à luta por democracia, cidadania e livre imprensa continu-

am presentes. Agora, com um novo desafio — as transformações que o digital impõe ao mundo.

Não vivemos no mundo pelo qual Hannah Arendt passou, com regimes totalitários de direita e esquerda espalhados por toda parte. Muito menos naquele anterior às Revoluções Liberais. Mas, após duas décadas de liberdade em avanço, mergulhamos num período de surto autoritário, populista, reacionário. É um movimento que se baseia na manipulação da realidade. Mente, distorce, inventa e se utiliza dos novos meios para criar bolhas impermeáveis à informação. Bolhas a partir das quais consegue sequestrar democracias as mais sólidas.

Este é o duplo desafio da imprensa nos próximos anos. Tornar-se nativa digital, o que já está em pleno curso. E recolocar no centro do debate público aquilo no que ele

sempre se baseou. Informação. Há pistas sobre como fazer. Está na nossa história.

Naquele momento de nascimento das democracias modernas, a imprensa era marcada por debates, dedicada à longa costura de argumentos. Porque pela primeira vez eram pessoas que precisavam decidir quem seria o governante. Aquela imprensa informava sobre os grandes temas por meio desses artigos de opinião ao mesmo tempo que provocava leitores a refletir sobre aqueles argumentos. Debater política era coisa que tinha de ser aprendida. Depois que começamos a ter essas conversas, nunca mais paramos.

Em princípios do século XX, o mundo começou a ver se espalharem grandes metrópoles. Cidades de arranha-céus nas quais já não dava mais para conhecer todo mundo da vila. Impessoais, cheias de anônimos solitários. Ali, os jornais

aprenderam que deveriam priorizar notícias, porque os acontecimentos da cidade davam a todos os seus leitores assunto. Quando no bonde dois desconhecidos sabem do mesmo incidente sobre o qual leram, e então se dá uma conversa, surge também outra coisa: a metrópole vira comunidade porque comunidade é isso. Um conjunto de pessoas que têm histórias em comum.

No primeiro momento, o rádio transformou os governantes em figuras míticas, distantes. Não foram poucos os populistas que se aproveitaram da pouca intimidade com um novo meio de comunicação. Mas, com o passar das décadas, o áudio criou proximidade, intimidade. A

Duas premissas são explorar a novidade e procurar o lugar de encaixe perfeito para o jornalismo profissional

TV mostrou o horror da Guerra do Vietnã, mas também trouxe para dentro da sala de estar imagens diárias de um mundo grande que tinha, em comum, sua humanidade. Não é à toa que o

final dos anos 1960

foi marcado por um amplo desejo de liberdade e, simultaneamente,

de confraternização. Ao tornar o mundo menor, mostrou

que somos mais semelhantes do que diferentes. No arco da

História, as cinco décadas seguintes tiveram por marca o aumento do número de democracias e a ampliação dos direitos individuais aos quais tantas minorias não tinham acesso.

Essa história da relação entre imprensa, sociedade e desejo de liberdade bate sempre nos mesmos temas. O impacto que novas tecnologias têm na percepção de mundo. A importância do debate público. O papel da informação na consolidação de comunidades baseadas

num espírito de cidadania. Cidadania é a palavra-chave, aqui. Ela entrou para nosso vocabulário, claro, quando nascia a democracia. Na Revolução Francesa, aquele instante no qual um povo decidiu que, dali para a frente, era preciso cultivar a ideia de que todos somos iguais em nossos direitos. A imprensa evoluiu muito desde então — mas sempre no mesmo passo da sociedade, na construção dessa cidadania.

Cá dentro das redações de jornais, passamos por muitas fases desde que a internet chegou. O encanto do primeiro site, a criação de blogs, a exploração inicial das redes sociais. A aposta em fazer áudio e vídeo. Em um momento, puxado pelo iPad, o tablet pareceu que se consolidaria como o dispositivo perfeito para o encontro do impresso com o digital. O que nos orientou foram sempre duas premissas. Uma, a de explorar o que havia de novidade. Outra, procurar o lugar de encaixe perfeito para o jornalismo profissional. Mas a internet cresceu, consolidou-se, virou o mundo cotidiano no qual todos vivemos. E, nisso, deixa claro qual o futuro da imprensa.

É estar em tudo.

Porque se há algo que sempre foi verdade na relação

entre imprensa e leitor, ouvinte ou espectador é que informação é um hábito. Aquele abrir relaxado do jornal à mesa do café, o sentar-se no sofá com a família para o telejornal da noite. Quando se informar é um hábito de todos, a democracia é sólida, e cidadania ocorre. Porque a informação convida ao debate, é ela que nos engaja na comunidade.

O que os populistas do momento fazem é se aproveitar do digital para nos fragmentar em tribos isoladas. Rompem essa comunidade. O caminho do jornalismo é encontrar os momentos dos novos hábitos digitais e estar lá. Há o momento de ligar a Smart TV e assistir a algo, a corrida da manhã que pede um podcast, aquele instante no metrô que chama um texto curto no celular e, claro, ainda o jornal de domingo, enquanto nos largamos na rede.

Mas não basta apenas a notícia, a informação do que acontece. O século XX já passou, e as necessidades são novas. Ela precisa ser complementada com uma versão contemporânea daquele jornalismo das democracias que nasciam no século XVIII. Não a opinião, mas o argumento bem construído como estímulo ao debate. Um convite ao contra-argumento. Sempre complementado com análise: os fatos organizados de forma a explicar o que querem dizer. Este é o desafio de nossa geração de jornalistas. Fazer o que sempre fizemos para trazermos de volta a conversa comum. Para que sejamos uma comunidade.



EM JOGO / QUADRO A QUADRO

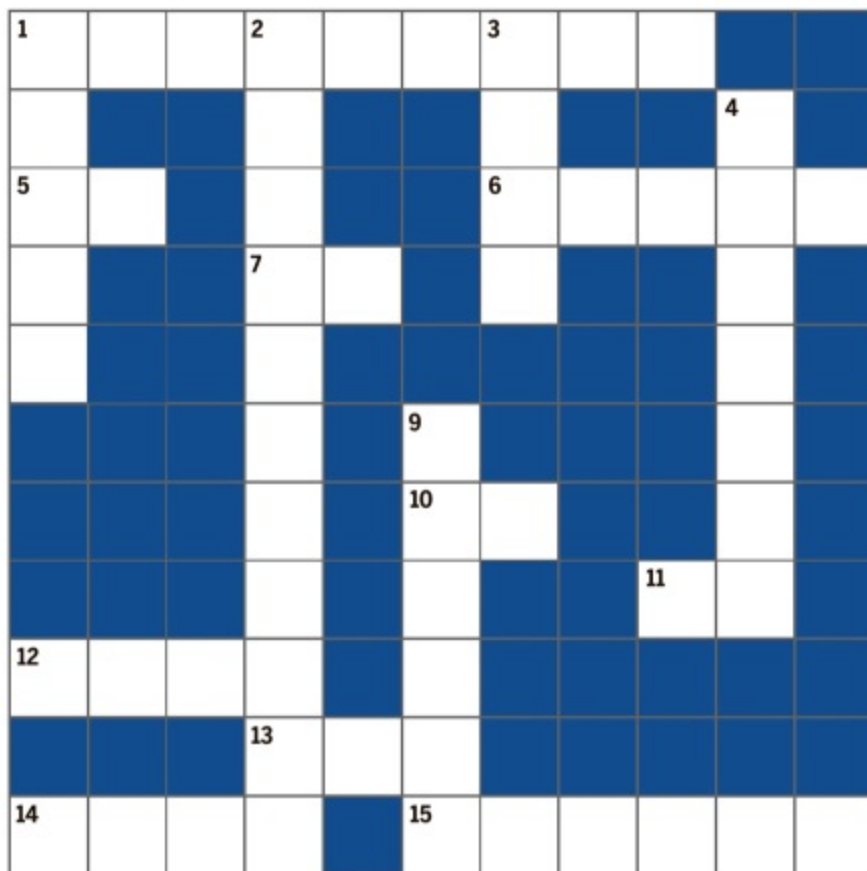
Edição especial de palavras cruzadas traz curiosidades sobre os 95 anos do GLOBO para o leitor testar seus conhecimentos sobre o jornal e seu conteúdo

HORIZONTAIS

1. Um dos benefícios por possuir a carterinha virtual do Clube O GLOBO
5. As iniciais da Luma, ex-rainha da bateria da Mocidade, cuja farsa da gravidez foi revelada por Ancelmo Gois
6. A forma como, numa histórica e desonrosa sessão do STF, em 2007, foi registrada, através de **reportagem fotográfica de O GLOBO , como foram combinados os votos**
7. Abreviatura de Banco Central, entidade que era comandada por Gustavo Franco, em 1999; sua queda foi noticiada com um furo jornalístico de O GLOBO
10. As iniciais do ditador venezuelano Chávez (1954-2013); o agravamento de sua doença, ao contrário do que o governo de seu país informava, foi relatado por Merval Pereira
11. A sigla do estado que, na época, além de Pará e Maranhão, foi palco das guerrilhas do Araguaí (1972-1975); a região, hoje faz parte do Tocantins
12. (de azar) Cada uma das atividades que, como a roleta, foram proibidas em 1946 pelo então presidente Eurico Gaspar Dutra; denúncias foram reportadas um dia antes pelo O GLOBO
13. **O do general Antônio Bandeira desmontou versões oficiais sobre a tortura e morte de guerrilheiros** na ditadura militar, em uma reportagem premiada de 1996
14. A série sobre a espionagem americana no Brasil ganhou este prêmio, em 2013
15. O Garrastazu Médici (1905-1985), presidente militar no período mais violento da ditadura, quando ocorreram as chacinas no Araguaia

VERTICAIS

1. **A presidente Rousseff, para quem foi dirigida a carta com reclamações de seu vice, Michel Temer;** Jorge Bastos Moreno, noticiou em 2015
2. Oferece vantagens nas áreas de bem-estar e gastronomia, além de benefícios em mais de 600 parceiros; é uma exclusividade para os assinantes
3. O número de minutos necessários para a aprovação, pela CCJ (Comissão de Constituição e Justiça), de 118 projetos, em 2011, na famosa sessão fantasma
4. O sobrenome de Agildo Barata (1905-1968), político e militar revolucionário, um dos líderes da Intentona Comunista
9. (fantasma) A forma como foi pago o Fiat Elba que gerou a renúncia do presidente Fernando Collor de Mello, em 1992



Teste seus conhecimentos e divirta-se. Todo dia um novo desafio.
Acesse: oglobo.com.br/jogos.

conteúdo por:

A R T
E E M
T E X
T O !



Horizontais: 1. Descontos, 5. Lo, 6. Email, 7. Bc, 10. Hc, 11. Gc, 12. Jogo, 13. Bau, 14. Esso, 15. Emílio.
Verticais: 1. Dilma, 2. CLUBE OGLOBO, 3. Tres, 4. Ribeiro, 9. Cheque.

BENEFÍCIOS / AO LADO DOS LEITORES

Clube O GLOBO se adapta às regras de isolamento social e cria a campanha #pravc, com 600 parcerias e descontos exclusivos, oferecendo opções para quem não precisa ou não pode sair de casa

EM SINTONIA COM O MOMENTO

O Clube O GLOBO também teve de se adaptar à nova realidade trazida pela pandemia da Covid-19. Com boa parte dos restaurantes e teatros fechada ou com funcionamento res-

trito, o Clube O GLOBO passou a buscar novos parceiros como forma de aumentar os benefícios exclusivos a seus leitores. Na lista de opções, estão cursos de idiomas, aulas de ginástica e outras opções de entretenimento para quem não precisa ou não pode sair de casa neste momento.

Assim, o Clube O GLOBO, que completa 32 anos, criou a campanha #pravc, com o objetivo de fazer uma parceria com o leitor neste novo momento de isolamento social.

São 600 parcerias.

E os

descontos exclusivos chegam a 40%.

O Clube também passou a fazer uma espécie de curadoria de eventos culturais, como lives de músicas, exposições e apresentações teatrais transmitidas pela internet.

Outra novidade foi uma parceria com editoras, que oferecem descontos na compra de livros digitais e físicos. Segundo Ana Lucia Selvatici, gerente de Marketing e Novos Negócios da Editora Globo, o objetivo do Clube é agregar valor ao leitor do GLOBO.

— O Clube é complementar à assinatura de notícias. É uma comunidade em que o leitor vai ser cuidado em diversos momentos de sua vida. Por isso, buscamos parcerias que fazem mais sentido neste momento, como atividades que podem ser realiza-



Acesso fácil.

No celular, os assinantes podem abrir o aplicativo do Clube e visualizar as ofertas e a carteirinha virtual



das em casa e com empresas que estão praticando delivery. A ideia é sempre ter algum benefício exclusivo — explica Ana Lucia.

Estão contempladas áreas como gastronomia, entretenimento e bem-estar. Além de se cadastrar no site do Clube para ter acesso

às ofertas, os assinantes podem baixar o aplicativo para ter sua carteirinha virtual, que permite validar os descontos na rede de parceiros. Depois de baixar o aplicativo, basta entrar com seus dados e começar a usar. É possível cadastrar até três dependentes para ter acesso a todos os benefícios.

Outra opção é acessar o Clube dentro do app do jornal O GLOBO. Para isso, basta ir à área de login, clicar em “Meu Clube O GLOBO” e acessar as ofertas e os benefícios.

O endereço na internet é clubeoglobo.com.br.

FOCO / UMA IMAGEM VALE MAIS...

Da espontaneidade do carnaval de rua carioca nos anos 1950 à tragédia humana e ambiental no rompimento da barragem de Brumadinho em 2019, fotos publicadas no GLOBO ajudam a contar alguns dos capítulos marcantes da História brasileira

LENTE DE AUMENTO NO DIA A DIA DO PAÍS



DANIEL MARENCO/26-1-2019

Mar de lama. Bombeiro faz buscas em Brumadinho: símbolo de heroísmo



DANIEL MARENCO/5-8-2016

Velho normal. Maracanã lotado na abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016: elogios por exaltar a cultura, a diversidade e o respeito ao meio ambiente



De tirar o chapéu. Foliões abrem alas para o carnaval de rua carioca na Avenida Rio Branco, no Centro do Rio, com o Museu Nacional de Belas Artes ao fundo



Último ato. Dilma Rousseff no Senado na véspera de seu impeachment



Na mira. Militares em favela durante intervenção federal na Segurança do Rio



Puro êxtase. Cazuza na estreia do Rock in Rio: ano da redemocratização



Linha-dura. João Figueiredo e generais: último presidente da ditadura militar



WANDERSON FERNANDES/2-9-2018



Em chamas. Era noite de domingo quando um incêndio consumiu o acervo do Museu Nacional, no Rio, transformando em cinzas relíquias da Pré-História

FOCO / UMA IMAGEM VALE MAIS...

Nos registros, a visita de Brigitte Bardot, o escândalo envolvendo o presidente Itamar na Sapucaí, o horror em Vigário Geral, o óleo na Baía de Guanabara, a agressão ao cinegrafista e o salto de João do Pulo para o bronze em Montreal



Momento exato. Fotógrafo captou a explosão de um rojão, disparado por manifestantes no Centro do Rio e atingindo o cinegrafista Santiago Andrade, que morreu dias depois: mais de cem jornalistas foram agredidos nos protestos de 2014



Terceiro. João Carlos de Oliveira, o João do Pulo, ficou com o bronze no salto triplo na Olimpíada de Montreal, prejudicado por uma cirurgia



Poder e folia.

O presidente Itamar Franco ao lado da modelo Lilian Ramos, sem calcinha, em camarote da Sapucaí: foto exclusiva do GLOBO correu o mundo



Sem ar.

Um mergulhão agoniza na Praia de Mauá, em Magé, coberto pelo óleo que vazou da Petrobras na Baía da Guanabara: mais de um milhão de litros despejados

ARQUIVO/10-1-1964



Que beleza. Brigitte Bardot no Copacabana Palace: a atriz francesa também foi a Búzios com o namorado brasileiro e tornou o balneário mundialmente famoso

Violência policial. Corpos de 18 das 21 vítimas da chacina de Vigário Geral: moradores foram assassinados em vingança pela morte de PMs

MÁRCIA FOLETTO/30-8-1993



FOCO / UMA IMAGEM VALE MAIS...

Clique a clique: Copacabana antes de se tornar um bairro repleto de edifícios, a volta dos beneficiados com a anistia de 1979, a dor com a morte de Getúlio, o espanto com o assassinato de Marielle, o voto do então futuro presidente e um saque inesquecível



Início do século XX. Casario de Copacabana e Leme antes da chegada dos prédios, que começaram a surgir por volta de 1920, em foto do Arquivo Nacional



De volta. Beneficiado pela anistia, Fernando Gabeira enfim retorna ao Brasil



Comoção. Multidão foi se despedir de Getúlio Vargas na capital federal



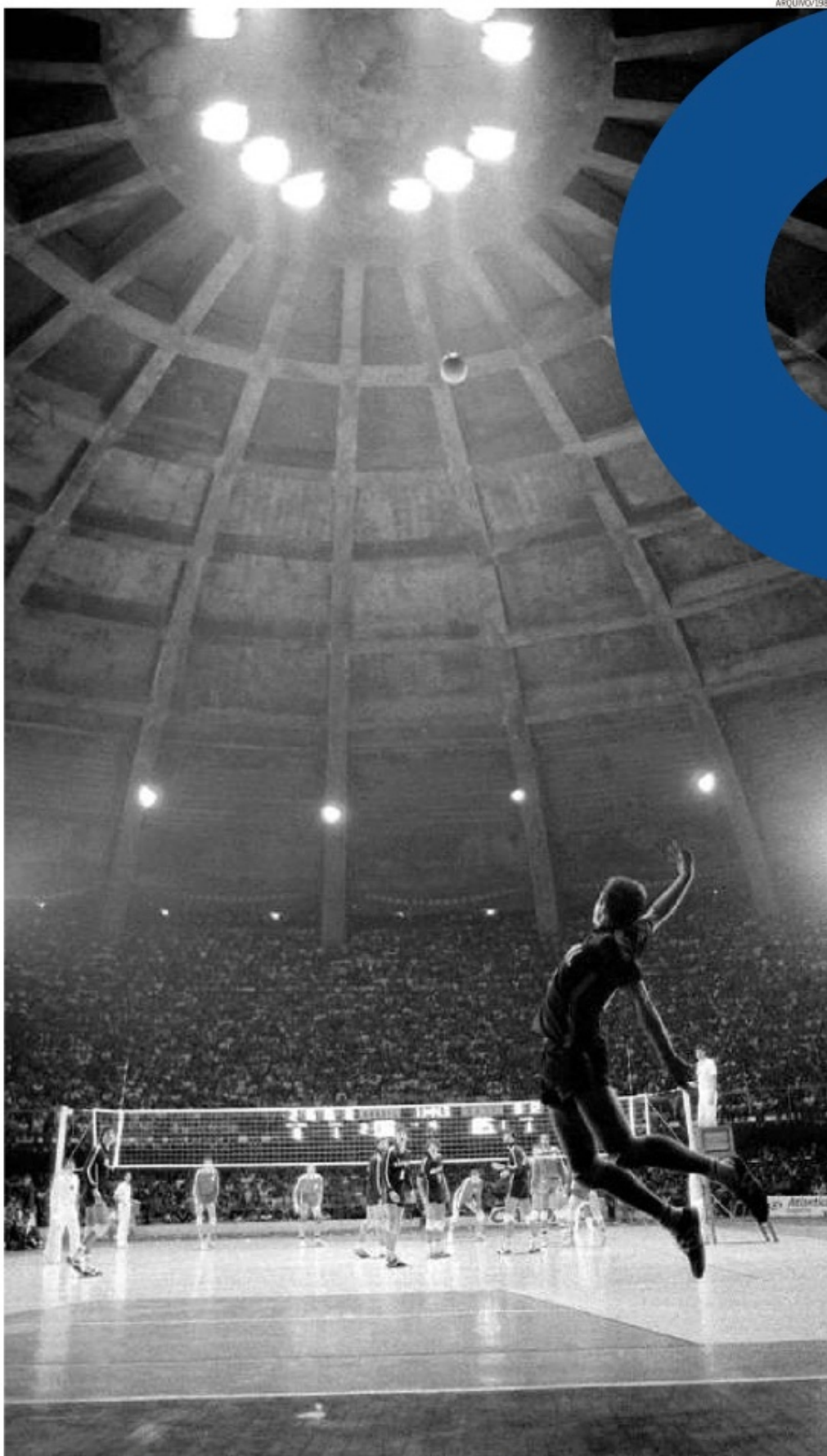
MÁRCIA FOLETTI/16.3.2018

Quem foi? Homenagens à vereadora Marielle Franco, assassinada junto com seu motorista, Anderson: ainda não se chegou ao mandante do crime



PABLO JACOB/28-10-2018

Urna. O então candidato à Presidência Jair Bolsonaro posa após votar ao lado da mulher, Michelle



Jornada nas estrelas. Bernad Rajzman capricha no saque que criou, em partida do Brasil contra a União Soviética, um clássico do vôlei

ESPORTES/ DE QUATRO EM QUATRO ANOS

Os 95 anos do GLOBO cabem quase perfeitamente nos 90 anos da Copa do Mundo, maior competição do futebol mundial, modalidade que ajudou a forjar a identidade brasileira. Primeiras páginas após as finais contam trajetória dentro e fora de campo

THALES MACHADO
thales.machado@extra.inf.br

Em 21 das 31.768 edições do GLOBO em sua história, havia uma final de Copa do Mundo para noticiar, sempre com um olhar para além dos resultados de jogo. Entre campeões e derrotados, observar as primeiras páginas que distribuíram glórias e criaram vilões é entender como o futebol e o próprio jornal se transformaram. A bola e a História se misturam enquanto o esporte mais popular do país moldava parte da identidade nacional, em um interesse que cresceu ao longo dos anos.

Há um corpo estendido no chão, na primeira página de um dia após a final da primeira Copa, em 1930. É de João Pessoa, governante da Paraíba — já candidato a vice-presidente na chapa de Getúlio —, que morrera assassinado dias antes. É a única das finais que não foi notícia de capa no jornal.

As primeiras páginas após finais de Copa em que o Brasil não chega à decisão dividem espaço com notícias que mostram como a trajetória do mundo rolou junto com a bola. Como em 1934, na Itália, na

primeira vez em que a capa teve fotos e descrição minuciosa do jogo decisivo — junto com um parágrafo sobre a entrada triunfal de Mussolini no estádio. Enquanto a Alemanha venceu em 1974, o GLOBO noticiava o aumento da tensão entre israelenses e palestinos. A Guerra do Líbano estourava junto com a final de 1982.

Nas vitórias e derrotas em finais, porém, o futebol domina as capas. Não há espaço para o mundo quando se ganha ou perde a Copa. “Campeão o Uruguai”. É direta e doída a manchete da primeira página do Maracanazo em 1950. Em 1998, a premonitória chamada diz que a França adia o sonho do penta, que aconteceria em 2002.

Em 1958 e 1962, as primeiras páginas noticiariam a mais feliz novidade: a vitória.

Em 1958, com fotos da festa que tomou conta do Rio de Janeiro enquanto o time encantava a Suécia. A capa de 1970 — com um “TRI” em letras garrafais — desafia o tempo e ganha continuidade em 1994, com um “TETRA” gigantesco no alto da página.

A digitalização do mundo também chegou à Copa. Os mundiais do século XXI levaram o foco do jornal para a cobertura online. O olhar, igualmente, se modernizou. O título da França em 2018, por exemplo, foi visto com a ótica da miscigenação cultural que o país viveu, com uma seleção envergando a mesma camisa, mas vários tons de pele distintos. O jovem Mbappé, campeão aos 19 anos, representa o futuro, que no caso da Copa é em 2022, no Qatar. O jovem francês deverá estar lá. O GLOBO também.



100%. Se a seleção brasileira jogou todas as Copas, o GLOBO noticiou em suas páginas os 21 mundiais, desde 1930. Na foto, Neymar comemora gol na Rússia, em 2018.



História.
As primeiras páginas nos dias seguintes às finais das Copas de 1930 — com a morte de João Pessoa como destaque —, 1950 e 1970, e a capa do caderno especial após a decisão do Mundial de 2018, destacando o olhar sobre a miscigenação cultural da seleção francesa, campeã com o jovem Mbappé.

O JORNAL E A CIDADE / ENCONTRO MARCADO

Gastronomia, moda, música, educação: eventos com a marca do jornal movimentam calendário do Rio e se adaptam à pandemia com edições no ambiente virtual

AGENDA QUE SEGUE O RITMO DO CARIOCA

Carioca de nascimento e por opção, O GLOBO sempre fez parte do dia a dia do Rio, não apenas noticiando seus acontecimentos, mas criando e apoiando eventos. Da gastronomia à música, da educação à moda, os projetos com a marca do jornal entraram para o calendário da cidade. Nem a pandemia do novo coronavírus impediu esta vocação, como mostram as recentes iniciativas de promover lives de músicos durante a

quarentena, o Festival Delivery, uma iniciativa do Rio Gastronomia, e a nona edição do Veste Rio, que ganhou formato digital.

O evento culinário é uma das grandes marcas criadas pelo GLOBO para a cidade. Em 2019, sua nona edição atraiu para o Pier Mauá cerca de 60 mil pessoas, que puderam assistir a a palestras com chefs e provar os cardápios de 38 restaurantes, bares e food trucks. Amantes da boa mesa também costumam marcar na agenda o Vinhos de Portugal, que agora será realizado de maneira digital, em outubro. A

ADRIANA LORETE/17-8-2019



Al mare. Rio Gastronomia, no Pier Mauá, no ano passado: reinvenção diante da pandemia

ANA BRANCO/13-10-2000



Passo a passo. Apresentação do corpo de baile do Teatro Municipal

solução foi adotada também para o **Veste Rio**, principal evento de moda da cidade, que atraiu mais de 25 mil pessoas em sua última edição e que, este ano, acontece numa plataforma digital própria.

A agenda de eventos tem ainda o encontro internacional **Educação 360**, o **Fica Verão** (com shows na orla), **Qual Comprar** (feira de carros) e os debates **Reage, Rio** e **E Agora Brasil?**, entre outros.

É uma longa história. O **Projeto Aquarius**, que entre 1972 e 2015 se propôs a popularizar o acesso à música erudita e à dança clássica, ainda vive na

memória de muita gente. Assim como a chegada do **Papai Noel** no Maracanã, que chegou a pôr 200 mil pessoas para ver o **Bom Velhinho** descendo no helicóptero nos anos 1970 e 1980. No carnaval, o jornal está presente com o **Estandarte de Ouro**, o prêmio mais importante para os sambistas, e no camarote **Quem-O GLOBO**, um dos mais concorridos da Sapucaí. E no esporte, é longa a fila de atletas que, ainda na infância e adolescência, vibraram com as conquistas no **Intercolegial**, a maior competição esportiva estudantil do país, já em seu 38º ano.

PÁGINAS (E TELAS) DE HISTÓRIA

Política, economia, cultura, comportamento, meio ambiente, ciência: desde 1925 O GLOBO segue levando ao leitor apuração alentada e informação exclusiva, numa trajetória premiada que não perde o olhar sobre o Rio

1925-1935

Fundado por Irineu Marinho em **29 de julho de 1925** — o jornalista só ficou à frente de sua empreitada por 23 dias, morrendo de um ataque cardíaco em 21 de agosto —, O GLOBO atravessou a primeira

década de existência acompanhando de perto a turbulência política no país, que presenciava o ocaso da República Velha. As páginas levaram ao leitor, em diversos capítulos, desde as **notícias da aventura da**

Coluna Prestes (1925-1927), o movimento tenentista mais relevante do período, até a Intentona Comunista de 1935, gatilho para que Getúlio Vargas decretasse estado de sítio. A Revolução de

1930, fato que encerra a República Velha com o golpe que depôs, em outubro, o presidente Washington Luís e impediu a posse do presidente eleito, Júlio Prestes, foi fartamente

documentada pelo GLOBO e rendeu o que talvez tenha sido o **primeiro furo (informação exclusiva) registrado pelo jornal: uma fotografia** do instante em que o já ex-presidente saía de carro



do Palácio Guanabara, preso, para ser levado ao Forte de Copacabana. Para conseguir que o fotógrafo capturasse com exclusividade a cena, publicada com ousadia gráfica em mais da metade

da primeira página do jornal (à esquerda), o então repórter Roberto Marinho colocou galhos de árvore na rua para atrasar a passagem do carro. O jornalista assumiria o comando da Redação

meses depois, em maio de 1931, aos 26 anos, com a morte de Euryclides de Mattos, que dirigia O GLOBO desde agosto de 1925. Para além da política, o jornal também fazia chegar ao leitor as

belezas proporcionadas pelo futebol e pelo carnaval carioca, assuntos que nunca deixaram de ser destaque nas páginas. Em 1933, aliás, O GLOBO passou a promover o desfile das

escolas de samba, realizado na antiga Praça Onze, perto de onde seria a sede do jornal a partir de 1954, e onde décadas mais tarde seria erguido o Sambódromo. **Em 1972, criou o prêmio**

Estandarte de Ouro, até hoje concedido a quem brilha nos desfiles da Sapucaí. Iniciativa que destacava a importância da festa e ao mesmo tempo reforçava os laços do jornal com a cidade.



Alegria, alegria. Primeira página do jornal em 20/2/1928: valorização do carnaval

1936-1945

A segunda década do GLOBO começou com outro furo, dessa vez tecnológico: em 17 de agosto de 1936, o jornal exibiu em suas páginas a **primeira telefoto publicada na imprensa brasileira** — a imagem era da nadadora Piedade Coutinho na final das provas

dos 400m nado livre nas Olimpíadas de Berlim. Outras imagens marcantes foram as do terrível **incêndio que destruiu, em maio de 1937, o dirigível alemão Hindenburg** quando ele chegava a Lakehurst, Nova Jersey, nos Estados Unidos, matando 35

das cem pessoas a bordo. Poucos dias depois de divulgar a notícia, O GLOBO publicou fotos inéditas do acidente: as telefotos foram transmitidas de Nova Jersey para Miami e vieram para o Rio de Janeiro de avião. O tom da década, porém, foi dado pelas crises políticas,

nacionais e mundiais. **Entre 1936 e 1939, o jornal acompanhou atentamente a Guerra Civil Espanhola.** O conflito entre os republicanos e os comandados do general Francisco Franco, que saiu vencedor com o apoio de Hitler, foi um prenúncio de dias mais turbulentos na

Europa e chegou a merecer até oito edições diárias do GLOBO, quase um tempo real de informação aos leitores. Em setembro de 1939, com a invasão da Polônia pela Alemanha, teve início a Segunda Guerra Mundial. O Brasil, que desde o final de 1937 vivia sob o Estado Novo,

golpe de Estado perpetrado por Getúlio Vargas, acompanhava o alinhamento do governo com o nazifascismo. O bombardeio de embarcações brasileiras pela força aérea alemã engrossou a pressão popular para que o país ficasse ao lado dos aliados. Em janeiro

de 1942 o governo Vargas rompeu com o Eixo (Alemanha, Itália e Japão) e em 31 de agosto foi feita a declaração de guerra. O país, porém, só entraria de fato no conflito em julho de 1944, quando a Força Expedicionária Brasileira desembarcou na Itália. De



novo O GLOBO fez História: em setembro, criou uma edição especial batizada de **"O GLOBO Expedicionário"** para ser enviada **semanalmente aos pracinhas no front**. O fim da guerra, em maio de 1945, e as bombas atômicas lançadas sobre o Japão, em

agosto, tiveram amplo espaço nas páginas. Em outubro, Vargas foi deposto. Em outra reportagem exclusiva, O GLOBO conversou com o ex-ditador, que também se deixou fotografar um dia antes de partir para o Rio Grande do Sul. Mas os leitores

acompanhavam, também, as notícias do charmoso e concorrido **Grande Prêmio Internacional do Circuito da Gávea, promovido até a década de 50 pelo GLOBO**, que desde cedo apostou em eventos que movimentavam a cidade. O jornal, aliás, também seria a **primeira**

publicação a testar automóveis no Brasil: em maio de 1959 o jornalista Mauro Salles avaliou a Rural Willys. O assunto continuava presente nas páginas e, em 14 de outubro de 1992, o GLOBO lançaria um caderno inteiramente dedicado a ele, o CarroEtc.



Automobilismo. O Circuito da Gávea, que foi até 1954

1946-1955

O período ficaria marcado por uma grande desilusão esportiva e por uma tragédia na política brasileira. Em **16 de julho de 1950**, o Brasil, sediando sua primeira Copa do Mundo, e com uma ótima campanha, perderia a final para o Uruguai, que, num placar de 2 x 1, levou a Taça Jules

Rimet para casa. A tristeza foi multiplicada porque o cenário era o tão esperado Maracanã, estádio que desde seu projeto, anunciado em 1943, foi acompanhado, incentivado e cobrado das autoridades pelo GLOBO em diversas reportagens. Um mês antes do **Maracanazo**, como o

episódio ficou conhecido, Didi, pela seleção do Rio, marcou o primeiro gol na inauguração do estádio. Foi um ano de atenções divididas com os preparativos para a eleição presidencial: depois de um hiato de cinco anos, Getúlio Vargas voltava à cena política e, em outubro de

1950, retornou ao poder pelo voto popular. A nova passagem de Vargas pelo comando do país foi tumultuada por acusações de corrupção e crises políticas. Começava a se desenhar o cenário da tragédia política que marcaria a História brasileira. Em fevereiro de 1954, a



EFE/16-7-1950

Maracanazo. Derrota brasileira em casa na Copa de 50

proposta de 100% de aumento do salário mínimo pelo então ministro do Trabalho, João Goulart, foi criticada publicamente por militares num manifesto. Goulart foi demitido, mas o salário foi aumentado em maio, elevando a tensão. No início de agosto, o **atentado ao político e jornalista**

Carlos Lacerda, feroz opositor de Vargas, ganhou toda a primeira página do jornal. Os rastros do crime, no qual morreu o oficial da Aeronáutica Rubens Vaz, seguiam em direção aos corredores do Palácio do Catete, sede do governo. Gregório Fortunato, chefe da guarda pessoal de Vargas, foi



o mandante do crime. Pressionado para renunciar ou se licenciar, Vargas optou por outro caminho: na **manhã de 24 de agosto, ainda de pijama, disparou um tiro contra o coração**. O GLOBO lançou uma edição extra para noticiar o episódio que abalou o país. Em 25 de setembro publicou uma

edição extraordinária com o resultado do inquérito, mostrando os bastidores do atentado e das movimentações dentro do governo. Em 1955, sempre ao lado da legalidade, o jornal defendeu em editoriais a posse do novo presidente eleito, Juscelino Kubitschek, que corria o risco de não

acontecer por pressão de setores civis e militares. A defesa da Constituição teve um preço: o jornal passou a ser censurado. Se o foco maior estava na política, o jornal não perdia de vista outros aspectos importantes da sociedade, como a cultura. Em 1946, registrou entusiasmado a

estreia de **"Imperador Jones"**, de Eugene O'Neill, encenada pelo **Teatro Experimental do Negro**, grupo formado por **Abdias do Nascimento**. Os leitores também puderam acompanhar os detalhes de um dos mais famosos crimes ocorridos no Rio de Janeiro: o assassinato, em 6

de abril de 1952, do bancário Afrânio Arnsino de Lemos, encontrado morto dentro de um carro na Ladeira do Sacopã, na Lagoa. As muitas reviravoltas do **Crime do Sacopã**, como ficou conhecido, o transformaram numa referência para a crônica policial brasileira.

1956-1965

A decepção futebolística de 1950 foi substituída por enorme euforia nos anos seguintes, quando o Brasil ganharia não uma, mas **duas Copas do Mundo**. A primeira, em 1958, na Suécia, destravou o grito entalado há tempos na

garganta dos brasileiros. **Pelé, com apenas 17 anos**, fez bonito ao lado de craques como Nilton Santos, Didi e Garrincha, e já mostrou por que mereceria a coroa de Rei. A segunda, em 1962, no Chile, pavimentou a estrada que faria do futebol nacional

o melhor do mundo por muitos anos. Tudo documentado com destaque — O GLOBO é o único veículo do Rio que cobriu todas as competições mundiais. Em sua quarta década, o jornal mostrou aos leitores um mundo passando por

grandes transformações. Para dar conta de tantas (e velozes) mudanças na área de comportamento, nasceu, em **janeiro de 1964, o caderno (hoje Revista) Ela**, que continua acompanhando a conquista de novos espaços e direitos pelas mulheres. A

área internacional foi movimentada pela chegada de **Fidel Castro ao poder em Cuba, em 1959**; pelas tensões da Guerra Fria; e pelo **assassinato do presidente J. F. Kennedy, em 1963**, que mereceu uma edição extra. No Brasil, em abril de 1960,

ainda em clima de anos dourados, embalado pela **recém-criada bossa nova**, Juscelino Kubitschek inaugurava a **planejada Brasília**, tirando o posto de capital federal do Rio, que renascia como Estado da Guanabara, status que

manteve até 1975. Em editorial na primeira página, O GLOBO falava das novas responsabilidades do povo carioca, "que deveria estar à altura deste dia histórico". Em 1961 veio a inesperada e inexplicada **renúncia do presidente Jânio Quadros**.



Sua renúncia mergulhou o país numa crise institucional, causada pela oposição das Forças Armadas e de boa parte da sociedade em aceitar como presidente, como manda a Constituição, o vice João Goulart, ligado historicamente à esquerda,

em tempos do "perigo vermelho" do comunismo. Jango foi empossado, mas seu governo ia perdendo apoio. Em **31 de março de 1964 os militares tomaram o poder**, inaugurando um período tenebroso no país. O jornal, como outros veículos

de imprensa, saudou a intervenção, embora cobrasse legalidade. Em 2013 o Grupo Globo reconheceu que o apoio ao golpe foi um erro histórico. A década também traria **os primeiros dos mais de 60 prêmios Esso**. Em 1956,

"180 dias na fronteira da loucura", de José Leal, venceu a categoria principal da premiação mais importante do jornalismo brasileiro, que foi interrompida em 2015. O GLOBO ainda teria outros destaques no Esso até 1965.



ARQUIVO/2-4-1964

No poder. Tropa do Exército em Brasília, em abril de 1964

1966-1975

E 1966 chegou assustando os cariocas com uma tragédia que, infelizmente, se repetiria ao longo das décadas, até hoje. Em janeiro, chuvas torrenciais caíram sobre a cidade, provocando uma destruição

jamais vista, com dezenas de mortes, como O GLOBO noticiou em 11 de janeiro. Nos dias seguintes registrou **os estragos e os esforços da cidade para se reerguer**. Foi uma década em que acidentes terríveis



Chuva. Cena recorrente

mobilizaram a reportagem do jornal. No Rio, em 1971, houve o **desabamento de parte do Viaduto Paulo de Frontin**, que soterrou 48 pessoas. Em São Paulo, dois incêndios de grandes proporções — no Edifício

Andrauss, em fevereiro de 1972, e no Joelma, em fevereiro de 1974 — geraram cenas de horror, com pessoas apavoradas pulando das janelas para escapar das labaredas. O avanço da ciência e da

tecnologia possibilitou ao homem pisar na Lua (1969), e a apuração rigorosa de dois jornalistas (Carl Bernstein e Bob Woodward, do "Washington Post") levaria à renúncia do presidente americano Richard Nixon

(1974) pelo caso Watergate. Foi também o período em que a seleção canarinho conquistou sua terceira Copa do Mundo, no México, em 1970, e com ela a posse definitiva da Taça Jules Rimet — roubada e derretida

na década de 80. Em outro campo, os ventos das manifestações rebeldes da juventude que varreram o mundo em 1968 também sopravam no Brasil, alimentando a onda de protestos contra os militares

e a radicalização dos dois lados. O assassinato do estudante Edson Luís no Rio, em março, num confronto com a polícia, desaguou na **Passeata dos Cem Mil**, manifestação pacífica registrada na manchete do

GLOBO. A tensão só aumentava e, em dezembro daquele ano, sob o governo Costa e Silva, seria implementado o AI-5, que traria cassações, perseguições políticas, censura à imprensa. O



Protesto. Cem mil nas ruas

presidente morreria em dezembro do ano seguinte, depois de seis meses afastado por uma trombose. O período de incerteza do seu retorno mergulhou o país numa crise e abriu espaço para tempos, com Emílio Garrastazu Médici

no poder, ainda mais duros da ditadura militar — movimento observado em outros países da América do Sul, como o Chile, que viu a derrubada do socialista Salvador Allende em 1973 pelas

forças do general Augusto Pinochet. Em 1974, o general Ernesto Geisel assumiria a Presidência, extinguindo o AI-5 e preparando o Brasil para a **lenta e gradual abertura política**.

1976-1985

O dia **27 de junho de 1979** foi histórico para O GLOBO e para o Brasil. O jornal publicava na **primeira página o texto integral do projeto de lei que anistiaría políticos, artistas e grupos** perseguidos pela ditadura militar, conseguido

com exclusividade pela Redação na própria madrugada do dia da votação. O furo acabou garantindo que o projeto, encaminhado ao Congresso pelo presidente João Baptista Figueiredo, fosse aprovado exatamente

como publicado no GLOBO. Porém, antes que a distensão desaguasse nas campanhas que levaram multidões às ruas pelas **Diretas Já, em 1984**, emenda derrotada por poucos votos, e nas negociações para as eleições indiretas que

dariam ao Brasil, em 1985, a primeira presidência civil desde 1964 (Tancredo Neves e José Sarney), o país assistiria a um episódio revelador da resistência dos militares linha-dura à abertura política. **Em 30 de abril de**



Porões da ditadura. O atentado criminoso no Riocentro, em 1981

1981, duas bombas explodiram no Riocentro, onde acontecia um show em homenagem ao Dia do Trabalho. Uma das bombas explodiu no carro que, do lado de fora do local, abrigava o sargento

Guilherme Pereira do Rosário, que segurava o artefato e morreu na hora, e o capitão Wilson Machado, que ficou bastante ferido. Ambos eram do serviço de informações do Exército. **Em 1999 o caso seria reaberto**, e O GLOBO

traria novas informações, que deram aos jornalistas Chico Otávio, Ascânio Seleme e Amaury Ribeiro Jr. o **Prêmio Esso de Reportagem**. A visita do Papa João Paulo II deixaria os brasileiros mais felizes em

1980. Por onde passou, o Papa (que voltaria outras duas vezes) arrastou multidões. **Em março de 1982, O GLOBO** criou



SEBASTIÃO MARINHO/2-7-1980

os **Jornais de Bairro, com o GLOBO-Tijuca**, estreitando sua parceria com o leitor, que já beira os 40 anos. Em janeiro de 1985 O GLOBO acompanharia a primeira edição

do **Rock in Rio**, festival criado por Roberto Medina, que botou o Brasil no mapa dos grandes shows internacionais. Mas o ano seria marcado pela **trágica morte de Tancredo**, hospitalizado em Brasília para tratar uma diverticulite na

véspera da posse. A agonia de um dos principais líderes políticos brasileiros foi acompanhada pelo GLOBO até sua morte, em abril de 1985, em São Paulo. Em editorial, o jornal apontava o sacrifício de Tancredo em

nome da transição democrática. Sarney inaugurou a Nova República sendo empossado numa cerimônia na qual Figueiredo se recusou a transmitir a faixa presidencial.

1986-1995

Foram grandes reportagens como as do acidente radioativo com o **césio 137 em Goiânia, em 1987** (que rendeu ao jornal um dos três prêmios Esso no período), e a morte de Ayrton Senna, no auge de sua trajetória, na

curva Tamburello, na Itália, em 1994 — dois meses depois o **Brasil ganharia, com o tal "futebol feio", sua quarta Copa do Mundo**, nos EUA. Teve a costura da nova Constituição em 1988 e a

euforia da Rio-92, que por alguns dias transformou o Rio de Janeiro na capital mundial da ecologia, além da emblemática **queda do Muro de Berlim, em 1989**. Houve também o **massacre do Carandiru**, em São

Paulo (92) e as **chacinas da Candelária e de Vigário Geral**, no Rio (ambas em 93), crimes que chocaram o país e o mundo e mereceram do jornal muitas páginas e investigação. Notícias sobre a economia

castigada pela inflação e de planos econômicos (o Cruzado, em 1986; o Collor, em 1990; o Real, em 1994) para reanimá-la. Houve ainda o acidente com o Bateau Mouche IV, que naufragou na Baía de Guanabara no

réveillon carioca de 1988 para 1989, matando 55 pessoas das 149 a bordo, uma tragédia que virou sinônimo de impunidade. Entre as muitas coberturas importantes, um furo, contudo, mudaria a História

recente do Brasil: em pleno **processo de impeachment de Fernando Collor**, o primeiro presidente eleito pelo povo desde 1960, o **jornalista Jorge Bastos Moreno (1954-2017)** forneceu a peça-chave



Caras pintadas. Protesto contra Collor

para selar o destino do político na CPI que investigava o empresário Paulo César Farias, tesoureiro de sua campanha eleitoral. Havia evidências, mas não provas, de um esquema de corrupção

capiteado por PC dentro do governo e próximo de Collor. Em 23 de julho de 1992, O GLOBO estampava a informação exclusiva, uma das numerosas obtidas por Moreno, de que um **Fiat Elba** do presidente fora

comprado com cheque assinado por um "fantasma" do esquema de PC — que seria assassinado em 96. O elo estava comprovado, os protestos dos caras pintadas ganharam as ruas e em

setembro Collor cairia. O vice Itamar Franco assumiria e, em 1994, o sucesso do **Plano Real** daria ao ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso a faixa presidencial. Aos 70 anos, O GLOBO ganharia em dezembro de

1995 um novo projeto gráfico, dos designers americanos Milton Glaser e Walter Bernard. Até hoje o jornal já recebeu **mais de cem prêmios na área de excelência gráfica dentro e fora do país**.

1996-2005

Em **1996 O GLOBO** estreou seu site, ampliando a possibilidade de divulgar mais rapidamente as notícias. Como a que chegou na noite de 30 de agosto de 1997, dando conta da **morte da carismática e**

adorada Lady Di num terrível acidente de carro na madrugada em Paris, perseguida por paparazzi. No dia 1º de setembro, um caderno especial dava toda a dimensão alcançada pela "princesa do povo". Em 1998,



JOÃO SILVA/AP/13-1-1997
Diana. No coração do povo

O GLOBO inaugurava seu **novo parque gráfico**, com instalações e equipamentos modernos que aprimoravam e agilizavam a impressão. No mesmo ano, o jornal noticiava a história do **Dossiê Cayman**, um

conjunto de documentos (que se provaram falsos) criado com o objetivo de atribuir crimes a políticos e candidatos do PSDB nas eleições daquele ano, como Fernando Henrique Cardoso, que se candidatava à

reeleição para presidente, e Mário Covas, em busca da reeleição para o governo de São Paulo. **Em 13 de janeiro de 1999, O GLOBO** publicava **em primeira mão** a notícia de que Gustavo Franco, presidente do Banco

Central, pedira demissão. Outro grande furo de reportagem de Jorge Bastos Moreno. A cidade do Rio seria marcada na década por episódios violentos como o sequestro do ônibus 174, em 2000, no Jardim Botânico. E

o mundo inteiro sofreu o impacto daquela manhã do dia **11 de setembro de 2001**, em que aviões com terroristas da Al-Qaeda derrubaram as duas torres do World Trade Center, em Nova York, matando mais de

duas mil pessoas. A proporção do episódio fez com que o GLOBO mandasse uma edição extra para as bancas no mesmo dia, com informações e análises. A seleção brasileira

levantaria a taça pela quinta vez na **Copa do Mundo de 2002**, na Ásia. E a década também seria a da **chegada de Lula ao poder, em 2003**. O petista venceu com 53 milhões de votos o tucano José Serra e iniciou uma

administração que ficaria marcada tanto pelas conquistas sociais como pelos escândalos de corrupção, como o do mensalão, em 2005. Em agosto do mesmo ano, O GLOBO revelou o esquema operado pelo



PAULO WHITNER/REUTERS/11-8-2003
Primeiro mandato. Lula na posse em Brasília

publicitário Marcos Valério, conhecido como "Valerioduto", que ajudou a financiar campanhas de candidatos do PSDB em Minas Gerais em 2002. O episódio ficou conhecido como "**mensalão tucano**".

2006-2015

O país veria, nesta década, a **primeira mulher na Presidência da República**. Eleita em 2010, na esteira das boas realizações de Lula, **Dilma Rousseff** não teria, contudo, o mesmo sucesso que o antecessor e

padrinho. Reeleita em 2014, viu a recém-criada Operação Lava-Jato investigar o grande escândalo de corrupção que começava na Petrobras, atingindo colaboradores de sua gestão — as ações

conduzidas pela Polícia Federal, tendo à frente o então juiz Sergio Moro, desdobraram-se em outras frentes, levando à prisão empresários e políticos como o próprio Lula. A economia também

desandou, minando apoio da presidente. No Rio, a **expansão das milícias** que exploram os moradores de comunidades pobres do Rio seria exaustivamente denunciada pelo jornal. Boas notícias também chegavam



ROBERTO STUCKERT FILHO/22-8-2007

Na tela. Flagrante da combinação de votos no STF

das comunidades. **Em 23 de agosto de 2007, O GLOBO** publicava uma informação exclusiva e explosiva: ministros do Supremo Tribunal Federal foram flagrados combinando votos no julgamento da denúncia

a Lula no caso do mensalão. O flagrante, registrado pelo fotógrafo Roberto Stuckert Filho, levou a um julgamento mais rigoroso. O trabalho, do qual participaram também os jornalistas Alan Gripp e Francisco Leali, **ganhou o**

Prêmio Esso de Jornalismo daquele ano. Informações exclusivas foram chegando ao leitor cada vez mais pelo site do GLOBO, como a do **agravamento do câncer do presidente Hugo**



PEDELO LEAL/2007

Bola murcha. O técnico Felipão mostra o placar fatídico

Chávez, revelado pelo colunista Merval Pereira em fevereiro de 2012, com repercussão internacional. Em junho de 2013 O GLOBO cobriu as manifestações históricas que levaram às ruas

milhões de pessoas contra aumento das passagens do transporte público, a corrupção, gastos excessivos para a Copa do Mundo que se realizaria no ano seguinte no país — lembrado pelo humilhante

Alemanha 7 x 1 Brasil. Em novembro de 2015, o rompimento de barragens da mineradora Samarco, em Minas Gerais, provocou um rastro de destruição e causou a morte de 19 pessoas.

2016-2020

O Rio sediaria, em **agosto de 2016, os primeiros Jogos Olímpicos da América do Sul** e passaria por múltiplas obras para receber atletas e turistas. Entre as novidades, o Boulevard Olímpico na Zona

Portuária atraía milhares de pessoas à região para assistir às transmissões de provas ao vivo e participar de eventos culturais. O Brasil ganhou 7 medalhas de ouro num total de 19, tudo coberto pelo GLOBO

em edições especiais. O jornal também registrou o fracasso do almejado legado olímpico: a Linha 4 do metrô não foi concluída, arenas e outras instalações esportivas não tiveram uso posterior e seguiram se

degradando. Durante a Rio-2016, Dilma Rousseff já estava temporariamente afastada da Presidência, enquanto corria o pedido de impeachment, que em agosto a tiraria de vez do cargo. Em meio a grande

crise econômica e política, o vice Michel Temer assumiria o poder com alta taxa de rejeição, que aumentaria em 17 de maio de 2017 com **novo furo do GLOBO, desta vez no blog do colunista Lauro Jardim no site:** em



gravação feita por Joesley Batista, dono da JBS, Temer aprovava ("Tem que manter isso, viu?") os pagamentos feitos a Eduardo Cunha, ex-presidente da Câmara dos Deputados, para continuar calado na prisão.

Lula, preso em 2018, condenado no âmbito da Operação Lava-Jato, passaria 580 dias na sede da Polícia Federal em Curitiba, sendo libertado em novembro de 2019. Os episódios alimentaram a

polarização política no país, evidenciada com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, ano também marcado pela pergunta "**Quem matou Marielle?**". Em janeiro de 2019, outra tragédia ambiental: o rompimento de

barragem da Vale em Brumadinho (MG) matou 259 pessoas. O primeiro ano do novo governo também ficaria marcado pela queda de braço com a área cultural, identificada por Bolsonaro como reduto da

esquerda. O GLOBO mostrou o esvaziamento do setor cultural no país, refletido nas muitas trocas de secretários da pasta. Os problemas do setor pioraram com a chegada do coronavírus, que impediu a



DANIEL MARINHO/28-1-2019

Brumadinho. Tragédia repetida em Minas Gerais

realização de shows, fechou teatros e cinemas. O GLOBO enfrentou o desafio de acompanhar e mostrar aos leitores os desdobramentos da pandemia e seus impactos no mundo.

EXCELÊNCIA / QUALIDADE RECONHECIDA

Conquistas alcançadas por profissionais do GLOBO ressaltam o jornalismo produzido em quase um século de existência

UMA LONGA E PREMIADA TRAJETÓRIA

Ao chegar aos 95 anos de idade, O GLOBO continua escrevendo, todos os dias, uma biografia marcante para a História do Rio e do país. A importância dessas páginas digitais e impressas entregues a seus leitores ao longo das últimas décadas nunca deixou de ser reconhecida pelos maiores prêmios na área do jornalismo, tanto no Brasil como no exterior.

O GLOBO conquistou mais de 60 prêmios Esso, o mais tradicional da área, de 1956 a 2015, quando a premiação foi extinta. Em 1999, por exemplo, a láurea iria para trabalho dos jornalistas Chico Otavio, Ascânio Seleme e Amaury Ribeiro que traria valiosas informações sobre o atentado à bomba no Riocentro em 30

de abril de 1981. Em 2004, a Redação também vibraria com o Esso pela reportagem “Os homens de bens na Alerj”, assinada por Alan Gripp, Angelina Nunes, Carla Rocha, Dimmi Amora, Flávio Pessoa, Luiz Ernesto Magalhães e Maiá Menezes, que revelou a inexplicável evolução patrimonial de 113 deputados do Rio, entre 1998 e 2002.

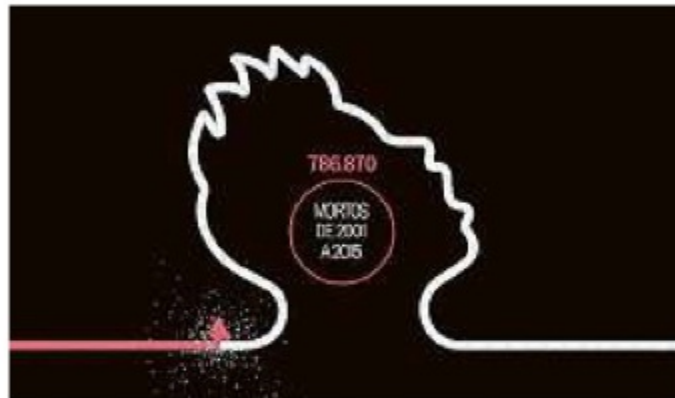
Outro Esso que entraria para a coleção do jornal, em 2013, foi para a reportagem “Na mira dos EUA”, de José Casado e Roberto Kaz, junto com o jornalista americano Glenn Greenwald, que revelou que milhões de brasileiros comuns, empresas e até o governo foram espionados pelos EUA.

Também dezenas de prêmios contemplaram imagens feitas pelos fotógrafos do GLOBO ao longo destas nove décadas e meia. Em novembro de 2015, as imagens de

destruição causadas pelo rompimento de barragens da mineradora Samarco, em Minas Gerais, deram à fotógrafa Márcia Foletto o Prêmio Petrobras de Jornalismo em sua categoria. Em uma tragédia mais antiga, o incêndio do Edifício Joelma, em São Paulo, em 1974, onde morreram aproximadamente 200 pessoas, um salto desesperado de uma das vítimas capturado por Antonio Carlos Piccino deu ao GLOBO o Esso de Fotografia.

Além do texto e da fotografia, outra área da Redação seria reconhecida: a de inovação gráfica. Nos últimos 25 anos, a excelência das páginas, infográficos e ilustrações do GLOBO rendeu mais de 100 prêmios, muitos deles Society for News Design, que reúne cerca de 1.500 veículos jornalísticos do mundo.

MÁRCIA FOLETTTO



Em destaque. Uma trajetória pontuada por premiações, em reconhecimento de reportagens, fotografias e criações gráficas marcantes

Outros momentos marcantes

> **Impedimento e morte de Costa e Silva.**

Esso de Jornalismo, 1970.

> **Capa da Paz.** Esso de Criação Gráfica e medalha de prata da Society for News Design (SND), em 1996.

> **Guerrilha no Araguaia.** Prêmios Esso e Vladimir Herzog, em 1996; Libero Badaró, em 1997.

> **A queda de Gustavo Franco.** Esso de Informação Econômica, em 1999.

> **Sentenças suspeitas.** Esso de Jornalismo, em 2002.

> **A nova economia das favelas.** Jornalismo Econô-

mico Ibero-Americano, em 2012.

> **Infográfico do Cristo Redentor.** The Best of Newspaper Design e medalha de prata no Prêmio Malofiej, em 2012.

> **O GLOBO a MAIS.** O vespertino para tablets ganhou em 2012 o Esso de melhor contribuição à imprensa, e no ano seguinte o de Excelência Digital da SND pelo portfólio das Olimpíadas de 2012.

> **"Guerra do Brasil".** Documentário em animação do GLOBO venceu o Prêmio Petrobras de Jornalismo, em 2018.

OUTRO OLHAR / MUITA HISTÓRIA PARA CONTAR

Como tradição, O GLOBO estimula o debate de ideias com crônicas (contos, poesias) de grandes escritores como Nelson Rodrigues e Drummond



TIME COM MESTRES DA PROSA

Em 7 de janeiro de 1961, estreavam ao mesmo tempo no GLOBO Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade. Eram textos publicados na coluna Porta de Livraria, do escritor Antônio Olinto, que anos depois se tornaria um dos imortais da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Esse é um dos capítulos que expressam a trajetória de 95 anos de um jornal com tradição em reunir uma pluralidade de vozes importantes à compreensão do Brasil e do mundo. O debate de ideias sempre contou com colunistas e cronistas com amplo repertório para analisar fatos, tecer críticas e fazer

observações sobre o cotidiano, além de se abrirem para a criação de contos e poesias.

No primeiro sábado de 1961, Drummond publicou o poema “Janela”. Guimarães Rosa narrou sobre os dias de Folias de Reis e desmanche dos presépios de Natal. Não são os únicos grandes da cultura a imprimirem suas histórias no jornal. José Lins do Rego escreveu no GLOBO entre 1944 e 1956. Rubem Braga foi correspondente em Paris e teve uma datação de 1959 a 1961. Fernando Sabino, a partir de 1977, assinou por 12 anos o espaço dominical Dito e Feito. Nelson Rodrigues passou duas vezes pela Redação. Na segunda, de 1962 até sua morte, em 1980, emprestou seu olhar a colunas esportivas e crônicas.

A imortal Nélide Piñon, que por vezes escreve artigos

no jornal, conta que desde menina foi leitora do GLOBO. Afirma que, com certo didatismo, os cronistas lhe ensinaram a gênese das frases mais poéticas. Entre outros, lembra-se da paulistana Elsie Lessa, colunista que por mais tempo colaborou com o jornal, entre 1952 e 2000. Na época, era uma das poucas mulheres a exercer a função.

— Todos, porém, iam além do relato, da jornada sentimental — diz a escritora, defendendo que, graças à imprensa diária, a crônica se tornou um gênero nobre no Brasil desde o século XIX. — Fiel a essa tendência consagrada, O GLOBO incluiu em suas edições aqueles mestres da prosa que enriqueciam o pensamento e a imaginação do leitor. Essas crônicas venceram os percalços do tempo e foram dei-



Álbum de família. Nelson Rodrigues na redação do GLOBO: o maior nome do teatro nacional teve duas passagens pelo jornal

xando rastros no linguajar comum, na memória coletiva.

Colunista do GLOBO, Artur Xexéo lembra que lia Nelson Rodrigues e Paulo Francis e diz que as colunas de Elsie Lessa e Nelson Motta (este ainda presente nas páginas do jornal) abriam seus horizontes. Na diversidade de pensamentos que se espalham pelo jornal, no impresso ou no site, ele presume que os leitores acabam escolhendo seus favoritos. Mas acredita que, em comum, as crônicas têm a função de oferecer intervalos:

— É algo que eleva o espírito. Você tem aquele monte de notícias, muitas vezes ruins, que te deixam para baixo, e a leitura da crônica oferece um alívio, um respiro. Mesmo quando trata de assuntos mais graves, há uma visão com a qual vai concor-

dar ou não, vai te ajudar a interpretar uma notícia ou a assimilar um pensamento.

Nesses parágrafos, há liberdade para assuntos diversos. Vão da política ao meio ambiente, da cultura ao urbanismo, da economia ao esporte. Nessa última seara, escreveram no GLOBO cronistas como Mario Filho, que dá nome ao estádio do Maracanã, e João Saldanha, técnico da seleção brasileira no fim dos anos 1960. Já na crítica de teatro, Barbara Heliodora foi um ícone. E os pensamentos de João Ubaldo Ribeiro, Otto Lara Resende e Artur da Távola reverberaram por gerações.

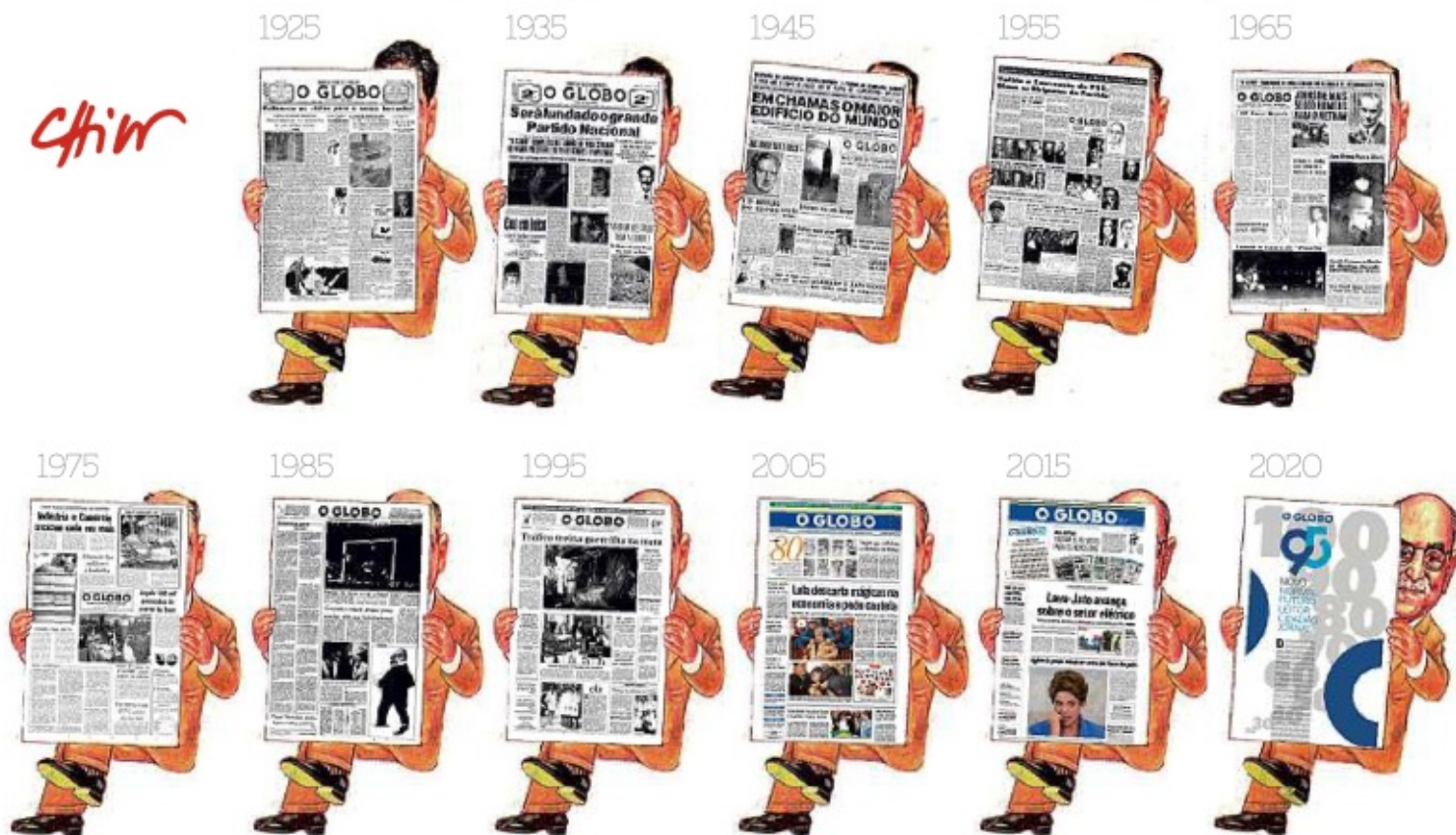
A coluna do cantor e compositor Caetano Veloso mexeu com os leitores por quatro anos. E colunistas e escritores como Luis Fernando Verissimo e Zuenir Ventura continu-

am instigando novas reflexões. Zuenir diz que, se não é um gênero exclusivamente brasileiro, a crônica aclimatou-se por aqui com naturalidade. No primeiro texto sobre o Brasil, a carta de Pero Vaz de Caminha, ele já vê aspectos da crônica moderna. Depois, afirma, Machado de Assis fixou as bases dessa maneira de abordar o mundo, e João do Rio contribuiu com seu olhar sobre as ruas, abrindo os caminhos para cronistas por excelência, como Rubem Braga.

— Não sei se é a nossa natureza, que é muito charmosa, e essa nossa informalidade... O João Ubaldo deu uma definição para a crônica que acho fantástica: só não pode ser chata. Cabe entrevista, ensaio, piada, poesia, o que for, desde que tenha comunicação com o público — afirma.

CHARGE / A NOTÍCIA EM OUTRO QUADRO

Pode ter humor, homenagem, emoção; tratar de política, economia, cultura. Já em seu primeiro número, O GLOBO mostrou o valor do traço na capa, como lembra o caricaturista Chico Caruso, no posto desde 1984



O Globo 95 anos

Editora responsável: Gabriela Goulart. Editores assistentes: Mônica Milten e Marcelo Balbino. Repórteres: Alexandre Rodrigues, Bernardo Mello, Bruno Rosa, Paula Lacerda e Rafael Galvão. Redator: Milton Calmon Filho. Revisor: José Figueiredo. Direção de arte: Alessandro Alvim. Projeto gráfico: Tólio Navega. Diagramação: Fernanda Rossi e Lígia Lourenço. Ilustrações: Felipe Nadeas. Editor de fotografia: André Sarmento. Tratamento de imagens: Paulo Macedo e Wagner Loeser. Pesquisa: Paulo Luiz

O GLOBO Diretor-geral: Frederic Zoghbi Kachar Diretor de Redação e editor responsável: Alan Gripp Editores executivos: Maria Fernanda Delmas (Coordenadora), Alessandro Alvim, André Miranda, Fernanda Godey, Flávia Barbosa e Pedro Dias Leite EDITORES > País: Thiago Prado thiago.prado@oglobo.com.br Rio: Gabriela Goulart gab@oglobo.com.br Economia: Luciana Rodrigues luciana.rodrigues@oglobo.com.br Mundo: Claudia Antunes claudia.antunes@oglobo.com.br Sociedade: Eduardo Graça eduardo.graca@oglobo.com.br Segundo Caderno: Fátima Sá fatima.sa@oglobo.com.br Esportes: Thales Machado (internos) thales.machado@oglobo.com.br Site: Eduardo Diniz eduardo.diniz@oglobo.com.br Opinião: Aluizio Maranhão aluizio.maranhao@oglobo.com.br Acervo e Qualificação: William Heil Filho william.heil@oglobo.com.br Boa Viagem: Marcelo Balbino balbino@oglobo.com.br Rio Show: Inês Amorim ines@oglobo.com.br Ela: Marina Caruso marcaruso@oglobo.com.br Bairros: Milton Calmon Filho miltonc@oglobo.com.br Boa Chance, Carro Etc e Morar Bem: Jason Vogel jason@oglobo.com.br Sucursal de Brasília: Paulo Celso Pereira paulo.celso@bsb.oglobo.com.br Sucursal de São Paulo: Letícia Sander leticia.sander@sp.oglobo.com.br

PRODUÇÃO EM EQUIPE / COMPROMISSO COM A QUALIDADE

De áreas diferentes, mas com a mesma paixão pelo ofício, profissionais contam como é trabalhar no GLOBO e ajudar a levar a informação adiante

AS MUITAS FACES DE UM JORNAL

Cada página que o leitor vira no jornal ou cada notícia, foto, vídeo, infográfico ou podcast clicado no celular ou no computador são resultado do trabalho de um batalhão de profissionais. Da Redação ao Parque Gráfico, há uma equipe multidisciplinar que preza pela diversidade e mantém um compromisso com a qualidade da informação e do acesso a ela.

Com suas próprias experiências, eles ajudam a contar décadas de trajetória do GLOBO. São histórias como a do ilustrador Marcelo Monteiro, o Marcelinho, funcionário mais antigo da Redação. Há 58 anos no jornal, desenhou à mão as le-

tras da primeira página da edição especial que anunciou a chegada do homem à Lua, em 1969. Ou ainda de Ancelmo Gois, Merval Pereira e Patrícia Kogut, representantes do time de colunistas do GLOBO. Merval, por exemplo, ingressou em sua primeira passagem pelo jornal em 1968. E, desde então, já foi repórter, chefe da sucursal de Brasília, editor de Política e diretor de Redação.

A bagagem de muitas jornadas também é aliada em outros setores da empresa, como na coordenação das ações de Marketing, com Claudia Lobo, há 32 anos no jornal. Mesmo tempo que o impressor líder Ailton de Souza tem de dedicação ao trabalho ao lado das máquinas que rodam o impresso.

As contribuições e diferentes olhares da juventude tam-

bém sempre tiveram espaço, como simboliza o estagiário de jornalismo David Barbosa, atualmente envolvido na cobertura da pandemia do novo coronavírus da Editoria Rio. Confira ao lado o que eles contam sobre trabalhar no GLOBO.



“O advento da internet foi a transformação mais impactante. Lembro quando decidimos que não guardaríamos mais matérias para o dia seguinte, quebrando o ciclo de 24 horas da notícia do jornal impresso. Foi um choque na Redação. Viajei o país para levar essa novidade às sucursais. Havia assumido a direção da Redação em 1995, e em 29 de julho de 1996 houve o lançamento do site do GLOBO. Guardar um furo de reportagem por até 24 horas ficou cada vez mais impossível.”

Merval Pereira, colunista

“Um dos aspectos que sempre admirei é que O GLOBO tem um caso com o Rio, gosta do carnaval, do réveillon... E a coluna, há 19 anos, tem um jeito carioca de ser. Tem uma pretensão de leveza, valoriza o cotidiano e as pessoas, sem deixar de falar de assuntos sérios. Penso que, ao publicar a foto do primeiro ambulante que vendia máscaras na rua em meio à pandemia, há informações importantes embutidas naquela imagem.”

Ancelmo Gois, colunista

“Como muitos cariocas, meu primeiro contato com O GLOBO foi como leitor. Minha mãe trabalhava no jornal (Mara Caballero, editora do caderno Ela e autora da biografia de Dina Sfat, “Palmas para que te quero”). Então, ouvia em casa histórias da Redação. Segui a profissão e trabalhei nas editorias de Esportes e, nos últimos anos, na Política. A evolução tecnológica levou o jornal a ampliar o alcance para fora do Rio e do Brasil. Mas as raízes na cidade são um traço marcante da identidade.”

Miguel Caballero, editor assistente

“Vou me aposentar apurando. Serei uma velhinha na rua com o laptop nas costas. Meu negócio é esse, buscar o furo de reportagem, levantar boas histórias, apresentar denúncias importantes à sociedade. É o que faço desde antes de ingressar no GLOBO, em 1985. Acompanhei as muitas transformações do Brasil, da hiperinflação ao real. No setor de petróleo e energia, cobri as primeiras descobertas da Bacia de Campos e do pré-sal.”

Ramona Ordoñez, repórter

“Entrei menina no jornal. Casei, tive filhos, sou avó. Eu me sinto realizada nestes 47 anos de GLOBO. É gratificante ver a credibilidade que construí. Na década de 1970, comecei como auxiliar de departamento pessoal e participei da equipe que implantou a entrega domiciliar de jornais no Rio. Em 1986, assumi como assistente. Há momentos desafiadores, como viabilizar a logística de hospedagens e deslocamentos de eventos como a Copa.”

Isa da Mata, assistente-executiva

“Em quatro décadas, atravessei a fase da montagem manual das páginas, dos rolos de filme e dos laboratórios fotográficos até as imagens digitais transmitidas on-line. Numa função de interface entre a Redação e a sala de chapa, a máquina que imprime o jornal, hoje no Parque Gráfico, precisei me adaptar às muitas mudanças tecnológicas, num trabalho em que estamos sempre correndo contra o tempo.”

José Bezerra, coordenador de tratamento de fotos

“Quando O GLOBO era impresso na rotativa da Rua Marquês de Pombal, comecei como auxiliar de bobina, em 1988. Hoje, no Parque Gráfico, sou impressor líder, e passa por mim o produto que chega às mãos do leitor. Tenho orgulho dos prêmios de qualidade que ganhamos. E, após anos lidando com a máquina que roda o jornal, cuido dela como se fosse meu carro. Reconheço cada barulho diferente que ela faz.”

Ailton de Souza, impressor líder

“Cresci lendo o jornal que meu avô comprava. Sempre quis trabalhar em Redação, o que comecei a concretizar no ano passado. Já nos primeiros passos da carreira, encaro a cobertura da pandemia, que marcará minha geração. Tudo num contexto digital, que exige versatilidade. Não basta mais só ouvir e contar histórias. É preciso entregá-las em vários formatos aos leitores. Tem sido um aprendizado enorme.”

David Barbosa, estagiário de jornalismo

“Cheguei como repórter, na Revista da TV, em 1995. Foi uma das primeiras áreas que sofreram a grande transformação do mundo digital. A televisão ampliou seus domínios. Hoje, é a internet, o streaming e, na pandemia, também a rede social, com certas linguagens que vieram para ficar. Na coluna, é interessante e desafiador acompanhar essa imensa velocidade da evolução da TV, que é um patrimônio de todos.”

Patrícia Kogut, colunista

“Em 20 anos, desde repórter de Economia, testemunhei transformações. Hoje, o trabalho do jornalismo profissional é depurar um intenso e ininterrupto fluxo de informações e traduzi-lo da melhor forma. Nesse contexto, O GLOBO é um senhor ciente de que o tempo dele é o presente, de desafios tecnológicos e multiplataformas para entregar ao leitor diferentes vozes e conteúdo analítico, de maneira rápida, para ajudá-lo na tarefa hercúlea de ler o mundo para se informar e decidir.”

Flavia Barbosa, editora executiva

“Na infância, já frequentava a sede da Rua Irineu Marinho com meu pai, que por mais de duas décadas foi do setor de transportes. Era como uma casa. Não pensava em trabalhar aqui. Mas meu pai teve um problema de saúde. E meses depois, aos 19 anos, surgiu uma chance, como contínuo. São 23 anos galgando espaço até chegar ao cargo atual. Cursei Administração e MBA com parte dos custos paga pelo GLOBO. Com o home office na pandemia, é a primeira vez que passo tanto tempo sem ir ao jornal.”

Artur Santos, gerente executivo de Planejamento e Administração

“Peguei o jornal feito com linotipo e tintureira. Passaram-se 58 anos desde meu primeiro dia, quando publiquei três ilustrações. Desde então, com trabalhos como o redesenho, com uma linguagem mais gráfica, do Bonequinho das críticas de cinema, ganhei uma tarimba que me ajuda a matar vários leões por dia. E posso assegurar: depois de tanto tempo, para mim continua sendo uma cachaça difícil de largar, apaixonante.”

Marcelo Monteiro, ilustrador

“Entrei como freelancer em 1985, vendendo um jornalzinho especial na época do Rock in Rio. Foi curioso, porque vi todos os shows daquela edição. Depois, atuei na venda de assinaturas e no SAC, numa época em que trabalhávamos de frente para um painel que acendia luzes para indicar a linha que estava tocando. Há muitos anos na área de retenção, assisti a uma série de mudanças tecnológicas. E me sinto pronta para mais.”

Hosanilda Moreira da Silva, contato de retenção

“Há trabalhos que marcam muito, como homenagens do Prêmio Faz Diferença e projetos Aquarius no Complexo do Alemão. Faço carnaval, moda... Só em 2019, foram 120 eventos. O Rio Gastronomia, considero um filho. Na pandemia, o Veste Rio ganhou uma plataforma digital. Quando os eventos voltarem de forma presencial, teremos aprendido a incluir mais ações digitais no que realizamos, com maior alcance de público.”

Claudia Lobo, coordenadora de ações de Marketing

“Sinergia é a palavra-chave. Como gerente de logística, meu setor é o último elo da cadeia de produção. Somos responsáveis, por exemplo, pelo controle de saída do Parque Gráfico das publicações impressas, que devem chegar aos leitores no lugar e na hora certos. Para isso, interajo com toda a empresa, onde estou há 20 anos. Tirando proveito de uma marca forte e expertise, hoje cuidamos ainda da operação da Globo Livros e de parceiros.”

Renata Bomfim, gerente de logística

“Tenho mais tempo de vida trabalhando no jornal que fora dele. Em 29 anos, estive na linha de frente de coberturas como a guerra urbana do Rio e, agora, do coronavírus. Antes, a fotografia era restrita a profissionais. Hoje, a imagem é abundante, todos querem fazer suas fotos. O que torna ainda mais necessário um olhar em busca de uma foto com mais sensibilidade, conceito, que se sobressaia em meio a zilhões de outras.”

Márcia Foletto, fotógrafa

SONHO NOSSO / A CAPA QUE QUEREMOS NOS 100 ANOS

Aprendendo com o passado, refletindo sobre o presente e fazendo uma projeção do futuro, os editores do jornal escolheram fatos que gostariam de ver noticiados na primeira página da edição centenária do GLOBO



Triseu Marinho (1876-1925) — (1904-2003) Roberto Marinho

RIO DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA, 29 DE JULHO DE 2020 ANO C - Nº 32.583

COVID-19

Planeta celebra o Dia V e nova era de prosperidade

Vitória contra pandemia tem tributos a vítimas em metrópoles de todo o mundo

Celebrações acontecem hoje nas principais metrópoles do planeta para marcar o Dia V. A vitória contra o vírus SARS-COV-2, causador da pandemia de Covid-19, será lembrada em Nova York, onde o Empire State será iluminado com luzes verdes. No Rio de Janeiro, o Cristo Redentor também poderá ser admirado com projeções de imagens na cor da esperança. O objetivo é marcar não apenas a velocidade recorde com que se encontrou a cura,

mas a determinação de que outras pandemias sejam enfrentadas de forma global e sob a orientação da Organização Mundial da Saúde (OMS). Em Brasília, representantes dos três Poderes e da sociedade civil homenagearão as vítimas do surto virótico no país com um tributo no Memorial aos Mortos da Covid-19 e repetirão um dos rituais mais emocionantes daqueles tempos, aplaudindo os profissionais da saúde. O maior desafio da saúde

global do século foi vencido em julho de 2021, quando a maioria da população mundial recebeu as doses de uma das cinco vacinas aprovadas contra o coronavírus. A união de cientistas, da indústria farmacêutica e de governos resultou no retorno de bilhões de indivíduos à vida cotidiana, com rotinas próximas às que usufruíam antes da emergência que foi detectada oficialmente em Wuhan, na China, no início de 2020. (Eduardo Graça)

Fake news desaparecem de redes sociais

Brasil completa um ano sem notícias falsas no universo digital. Há cinco anos, elas eram peça importante no xadrez do poder, disseminadas por vários políticos. (Thiago Prado)

Desemprego tem menor taxa da História do país

Número de pessoas buscando trabalho nunca foi tão baixo. Para economistas, o Brasil tem pleno emprego. A abertura de vagas levou à erradicação da pobreza. (Luciana Rodrigues)

Estado palestino é criado após acordo de paz

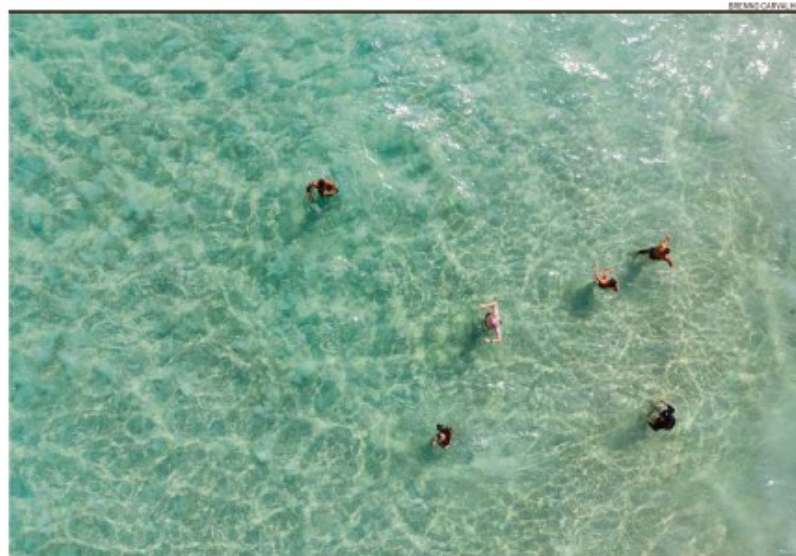
A negociação foi desbloqueada pelo governo americano. A criação do novo país ocorre 32 anos após primeiro pacto entre palestinos e israelenses. (Claudia Antunes)

Rio fecha ciclo de 5 anos sem casos de balas perdidas

Estatísticas de violência divulgadas ontem pelo ISP mostraram que a cidade não registrou casos de vítimas de balas perdidas nos últimos cinco anos. (Gabriela Coullart)

País abre placar na luta contra o racismo no futebol

Após manifestações antirracistas, campanha que uniu clubes, federações e torcidas faz do Brasil uma referência para times europeus no combate ao preconceito. (Thales Machado)



Reino das águas claras

Banhistas mergulham no mar cristalino do Arpoador, aproveitando os dias quentes de um inverno que os especialistas já batizaram de "inverno". A partir de uma força-tarefa que uniu governos e moradores, o Rio conseguiu despoluir suas águas, incluindo a Baía de Guanabara. (André Sarmento)

ela

Na moda, o verdadeiro luxo é valorizar as grifes nacionais

Mercado da moda volta seus olhos para o que é feito dentro do próprio país, e consumidoras de luxo passam a valorizar mais as grifes brasileiras. (Marina Caruso)

SEGUNDO CADERNO

E o Oscar vai para... filme brasileiro sobre a cultura

Filme que conta como a cultura brasileira floresceu após o fim da guerra ideológica e da pandemia leva o maior prêmio do cinema mundial. (Fátima Sá)

BOA VIAGEM

No mapa: Brasil comemora número recorde de turistas

País tem recorde de visitantes estrangeiros e nacionais e comemora Fernando de Noronha como modelo mundial de turismo sustentável. (Marcelo Balbo)

CELINA

Sexismo e racismo deixam de ser problemas estruturais

A presidente da República, única chefe de Estado negra nas Américas, celebra fim do sexismo e racismo e diz que país vai ajudar outras nações nesse sentido. (Renata Izual)

RIOSHOW

Roteiro carioca mostra para o mundo o que é que a cidade tem

Opções culturais para todos os gostos e bolsos e um roteiro efervescente de bares e restaurantes põem o Rio no mapa das cidades mais visitadas do mundo. (Inês Amorim)

BAIROS

Ruas do Rio deixam de ser casa para muitos moradores

Parceria entre estado, prefeitura, ONGs e governo federal tira moradores de rua do Rio do lento e trata usuários que vivem em cracolândias. (Milton Calmon Filho)

CARROetc

Test-drive com carro elétrico popular e fabricado no país

Veículos movidos a eletricidade se tornam uma realidade cada vez mais viável no país. Dirigimos o primeiro carro elétrico com preço popular 'made in Brazil'. (Jason Vogel)

MORAR BEM

Preservado, Centro do Rio se firma como polo residencial

Reocupado como bairro residencial, o Centro do Rio é disputado por incorporadoras especializadas em dar nova vida a imóveis tombados. (Jason Vogel)